

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

LUCAS DUENHAS GARCIA

Futebol como ferramenta política na história do Brasil

São Paulo
2020

LUCAS DUENHAS GARCIA

Futebol como ferramenta política na história do Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas.

Orientador: Profa. Dr. Mariângela Furlan Haswani.

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

LUCAS DUENHAS GARCIA

Futebol como ferramenta política na história do Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas.

Data de aprovação: ___/___/_____

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Profa. Dr. Mariângela Furlan Haswani.

Membro Titular

Membro Titular

Local: Universidade de São Paulo — Escola de Comunicações e Artes

DEDICATÓRIA

À Sonia Fatima David Duenhas, Thiago Duenhas Garcia, e todos amigos, colegas e professores que me proporcionaram o apoio necessário para o desenvolvimento deste trabalho.

"Futebol é um rito de inversão social, uma via de escape,
arma de distração, veículo de comunicação,
fenômeno social, expressão cultural"
(Alcides Antuña Cavallero, escritor argentino)

RESUMO

GARCIA, Lucas Duenhas. **Futebol como ferramenta política na história do Brasil**. 2020. 84 f. Dissertação (Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Grupos políticos durante a história do Brasil utilizaram a mídia com o papel de divulgar ações de instituições governamentais para a população. Para isso, utilizaram diversas plataformas (rádio, jornais e televisão, por exemplo), porém, se apropriaram de outras ferramentas para transmitir mensagens diretas ou indiretas para seu público-alvo, a população brasileira. Dentro deste contexto uma das ferramentas mais comumente utilizadas foi o futebol - um esporte bem disseminado no território nacional, em diferentes classes sociais - que representava uma boa oportunidade para tais grupos se projetarem e construir uma identidade nacional entre os brasileiros. O futebol foi utilizado como ferramenta política e um canal de comunicação por diversos governos brasileiros, mantendo-se até os dias atuais.

Palavras-chave: Mídia; Comunicação Pública; Futebol; Política; Identidade Nacional

ABSTRACT

GARCIA, Lucas Duenhas. **Soccer as a political tool in the history of Brazil**. 2020. 84 f. Dissertation (Bachelor Degree in Social Communication with Habilitation in Public Relations). School of Communications and Arts, University of São Paulo, São Paulo, 2020.

Political groups during the history of Brazil used the media with the role of publicizing the actions of government institutions to the population. For this, they used several platforms (radio, newspapers and television, for example), however, they used other tools to transmit direct or indirect messages to their target audience, the Brazilian population. Within this context, one of the most commonly used tools was soccer - a sport that is widespread in the national territory, in different social classes - which represented a good opportunity for such groups to project themselves and build a national identity among Brazilians. Soccer was used as a political tool and a communication channel by several Brazilian governments, and it has remained until today.

Keywords: Media; Public Communication; Soccer; Politics; National Identity

SUMÁRIO

Introdução	10
1. A prática e importância da Comunicação Pública	12
2. Futebol como ferramenta política no Brasil	15
2.1 A origem do futebol brasileiro (1875-1930)	18
2.2 De Charles Miller a Getúlio Vargas: popularização do futebol no Brasil (1930-1945)	24
2.3 O pós-guerra e a primeira Copa no Brasil (1945-1950)	32
2.4 O bicampeonato mundial (1950-1964)	36
2.5 Ditadura militar e o apogeu do futebol brasileiro (1964-1985)	40
2.6 Pós-ditadura e período democrático (1985-2014)	53
2.7 Segunda Copa no Brasil e volta da instabilidade política (2014-atualmente)	60
2.7.1 Análise de práticas do Governo Bolsonaro	65
3. Considerações finais	70
4. Referências	72

INTRODUÇÃO

No dia 26 de fevereiro de 2018, um artigo de opinião assinado por Tiago Leifert foi publicado no portal da revista GQ. Leifert é um apresentador da Rede Globo de Televisão, ganhando proeminência ao se tornar o âncora do programa Globo Esporte SP, entre 2009 e 2015. O cargo de apresentador deste programa impulsionou sua carreira, tornando-o uma das referências do jornalismo esportivo na época. O artigo em questão debate o espaço de manifestações políticas dentro de eventos esportivos.

O texto faz alusão a como elementos políticos estão ao nosso redor, em diversos momentos, inclusive, naqueles de lazer onde à princípio não temos o desejo de consumir mensagens e informações sobre o tema. Parafraseando o artigo de Tiago Leifert, “do mesmo jeito que você escolhe uma série no Netflix ou assiste a uma novela. É um desligamento da realidade” (GQ, 2018). O jornalista inclusive é bem incisivo em seu ponto, abrindo o artigo com uma linha fina onde se lê: "um evento como um jogo de futebol serve a manifestações políticas? Eu acho que não".

A questão "futebol é espaço para manifestação política?" é levantada, e respondida negativamente, pelo jornalista no início de 2018, ano de eleições no Brasil, e também de Copa do Mundo de Futebol Masculino – um dos principais eventos esportivos do planeta. Apesar de sua discordância, vamos analisar historicamente a relação de futebol e política no cenário brasileiro.

O presente trabalho tem por objetivo analisar a história do futebol brasileiro no recorte de relações populares, fazendo um paralelo entre sua evolução e momentos históricos importantes no Brasil. Desta forma, o intuito é demonstrar que o futebol, no cenário histórico brasileiro, foi utilizado como ferramenta para propagação de posicionamento político - sendo partidário ou social - e está relacionado com políticas de comunicação pública e construção de identidade nacional.

Este estudo faz-se importante para o meio acadêmico da comunicação uma vez que é um instrumento de comunicação pública, utilizado por diversos grupos políticos - inclusive, conforme será analisado no decorrer do trabalho, pelo próprio governo vigente.

Por ser uma análise histórica dentro de um determinado recorte, foram selecionados, para este trabalho, textos considerados como os mais significativos sobre o tema do envolvimento entre o futebol e a política no Brasil. A concentração de referências para o trabalho foi oriunda do eixo Rio-São Paulo, em função do maior

alcance e influência que as obras desses centros tiveram sobre a historiografia do futebol no Brasil.

O objetivo deste trabalho foi além da análise crítica das obras citadas. Buscou-se perceber como vem sendo elaborada a construção política acerca do futebol brasileiro. Espera-se, assim, conseguir apontar alguns caminhos que auxiliem na discussão da história do futebol e seu papel na comunicação pública do país, bem como ele é utilizado para se construir uma ideia de unidade nacional, uma identidade entre todos os compatriotas do país.

1. A PRÁTICA E IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA

Para alcançarmos o intuito desta monografia, - uma análise do futebol como ferramenta política através da Comunicação Pública - é crucial firmar primeiro uma base teórica que estabeleça o significado deste conceito, percorrendo sua origem e importância dentro da sociedade.

No Brasil, o conceito de comunicação pública ainda é recente e a bibliografia sobre o tema, acaba sendo restrita. Nesta monografia são citados alguns autores nacionais que desdobram estudos sobre o tema, como Elizabeth Brandão (2009), Heloiza Matos (2009) e Mariângela Haswani (2010).

Dois fatores foram cruciais para o interesse despertado pela comunicação pública nos meios acadêmicos brasileiros: a redemocratização do país, em 1985, e a Constituição Federal de 1988, que garantiu legalmente a liberdade de imprensa, a liberdade de expressão e a divulgação e transparência dos atos de governo.

É importante salientar que o conceito de comunicação pública apresenta diversos significados e interpretações dos estudiosos da área. O Glossário de Comunicação Pública, de Jorge Duarte e Luciara Veras (apud MATOS, 2009), apresenta duas formulações sugeridas por Heloiza Matos e Elizabeth Pazito Brandão:

Matos define comunicação pública como “processo de comunicação instaurado em uma esfera pública que engloba Estado, governo e sociedade, um espaço de debate, negociação e tomada de decisões relativas à vida pública do país”. A autora relaciona comunicação pública com democracia e cidadania e pensa a comunicação pública “como um campo de negociação pública, onde medidas de interesse coletivo são debatidas e encontram uma decisão democraticamente legítima”. Na mesma direção, Brandão define comunicação pública como “o processo de comunicação que se instaura na esfera pública entre o Estado, o Governo e a Sociedade e que se propõe a ser um espaço privilegiado de negociação entre os interesses das diversas instâncias de poder constitutivas da vida pública no país”. (MATOS, 2009, p.49)

A principal referência nos estudos brasileiros de comunicação pública é o resumo de *La communication publique* (1995), do francês Pierre Zémor, que serve de base teórica para estudos do tema dentro da academia nacional.

Sobre a função base da comunicação pública, Zémor (1995) destaca a informação voltada ao interesse coletivo. A finalidade informativa, segundo o autor, é o ponto de partida para o diálogo. Nesse entendimento, a comunicação pública é um processo de comunicação realizado pela sociedade civil, com foco no entendimento e interesse público.

O autor francês analisa que a comunicação está presente em toda a parte, e que a comunicação pública é definida pela legitimidade do interesse geral, estendendo-se além do domínio público. As mensagens são, por princípio moral, emitidas, recebidas e tratadas por instituições públicas em prol da população.

Desse modo, segundo Zémor, a comunicação pública está intrinsecamente associada às instituições públicas, e tem quatro funções claras: informar, escutar, contribuir para a relação social, e acompanhar as mudanças das organizações sociais.

Zémor pontua, porém, a diferença entre comunicação pública e comunicação cívica, devido, sobretudo, à tentação de apropriação das causas de utilidade pública que ela oferece. Segundo o autor:

A ética da comunicação pública, que se junta no seu prazo à sua eficácia, baseia-se no respeito de cada emissor do grau de consenso social junto à mensagem. Um conteúdo cívico, no contrato republicano tácito passado com o cidadão, deve ser diferenciado das ideias políticas no debate, como promoção ou da propaganda para interesses concorrentes, específicos ou partidários. (ZÉMOR, 1995, p. 54)

Um ponto levantado pelo autor ainda é se toda comunicação pública é política. Para ele, toda comunicação política é, sem dúvida, pública, porém, questiona se o contrário se faz regra, também.

É interessante analisar que o campo de estudo contém algumas sobreposições. Jaramillo López (2010) observa alguns traços que se inter cruzam no conceito de comunicação pública entre diferentes autores:

Já foi escrito bastante sobre o conceito de comunicação pública e os limites que se aproximam e distanciam as várias abordagens aceitas a essa denominação, de maneira que já seja possível identificar por pelo menos três características comuns a todas essas abordagens: primeiro entendimento do público; segundo operando em diferentes cenários, entre os quais uma noção de comunicação associada à alguns dos quais se destacam o estado, o político, o organizacional e o mídia; e terceiro, que é uma ideia ligada a princípios como visibilidade, inclusão e participação (LÓPEZ, 2010, p. 1)

Para ele, a comunicação pública nasce da relação que existe entre a comunicação e a política, considerando que o público é aquilo que é de todos e que a política é tida como a arte de construir consensos (López, 2003, p.1). Conforme López, múltiplos intermediários conferem à comunicação um sentido “compreensível e apreensível”, repassando a informação aos receptores finais.

Por definição, a Comunicação Pública é um mecanismo de conversa, servindo de base informativa para a sociedade. Estado, governo e Terceiro Setor podem se utilizar dela com este intuito para abrir canais de informação sobre variados temas. Conforme pontua Matos (2011):

O conceito de comunicação pública tem sido invocado como sinônimo de comunicação governamental, referindo-se a normas, princípios e rotinas a comunicação social do governo, explicitadas ou não em suportes legais que regulamentam as comunicações internas externas do serviço público (p. 44).

A autora ainda desdobra que existem quatro concepções básicas para Comunicação Pública: comunicação estatal; comunicação da sociedade civil organizada que atua na esfera pública em defesa da coletividade; comunicação institucional dos órgãos públicos, para promoção de imagem, dos serviços e das realizações do governo; e comunicação política, com foco mais nos partidos políticos e nas eleições.

Desta forma, podemos caracterizar a Comunicação Pública como um instrumento comunicativo de elementos políticos - um representante, um partido, ou um governo como todo, por exemplo. Mariângela Haswani (2010, p.133-155), na sua

tese de doutorado, sintetiza essa ideia como comunicação política – que engloba sistema político, particularmente dos partidos políticos e da composição eleitoral.

Dentro deste contexto, grupos políticos podem se utilizar de determinados temas como base de uma comunicação midiática, atraindo a atenção para temas de seu interesse à fim de benefício próprio. Haswani (2010) comenta que:

Na contramão dos interesses da mídia, o governo procura assumir o tratamento dos problemas cujas soluções encontrem a aceitação mais ampla possível, evitando questões controversas. Nessa medida, o governo é ao mesmo tempo destinatário e coformador ativo da esfera pública, estimulando a discussão daqueles problemas que revelem boas perspectivas de "carreira" dos temas que sejam potencialmente conflitivos ou cujo tratamento ameace os interesses políticos estabelecidos. (p. 145)

Nesse sentido, podemos analisar modelos de comunicação política cuja característica tem sido o interesse pessoal ou partidário dos governantes em traços de propaganda ideológica.

2. FUTEBOL COMO FERRAMENTA POLÍTICA NO BRASIL

Podemos analisar o interesse político em determinados assuntos terem relevância midiática. Dentro deste contexto, esses temas podem ter um sentido específico, como uma mensagem popular que aumente o sentimento de patriotismo, por exemplo. Ao longo desta monografia serão exemplificados usos da comunicação pública com este objetivo.

O estudo dos efeitos dos meios de comunicação tem importância para a sociedade, uma vez que se compreende como estes meios trabalham na formação da opinião pública. É inegável a influência dos meios de comunicação no cotidiano e assuntos comentados pelas pessoas, visto que temos uma grande variedade de informações que são disseminadas por estes canais. A pauta das conversas é sugerida pelos jornais, televisão, rádio e internet, que se tornam destaque para aqueles que recebem a mensagem - uma espécie de hierarquização dos assuntos

falados. Este estudo sobre o quê e como os assuntos devem ser pensados é a hipótese de *agenda setting*.

Esta linha de pesquisa propõe uma nova etapa de investigação sobre os efeitos da comunicação de massa. Desta maneira, tem-se um conceito do poder que o jornalismo, e a mídia em geral, exerce sobre a opinião pública. Este conceito remete à hipótese de *agenda setting*, que em definição simples é "um tipo de efeito social da mídia. É a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá" (BARROS FILHO, 2001, p. 169). A essência do conceito não está muito longe da realidade, pois se tem, constantemente uma enxurrada de informações que são selecionadas e dispostas de maneira que algumas notícias recebem uma ênfase maior, como é o caso das notícias que aparecem na capa dos jornais, revistas, telejornais.

Agenda setting foi tema de estudo dos pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw, pioneiros na apresentação desta hipótese, ao tratar deste tema, confirmaram que a mídia tem a capacidade de influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública. Nas palavras de Shaw, citado por Wolf (2001):

As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os veículos de mídia de massa incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos veículos aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. (p. 144)

Dentro deste contexto, algo como o futebol pode ser utilizado como ferramenta para comunicação pública por um determinado grupo político como proposta identitária do Brasil. Devido à sua extraordinária importância cultural e social, o futebol no Brasil é um elemento decisivo para a esfera política que tenta aproveitar o esporte para os seus fins. O futebol vem sendo um dos veículos mais cobiçados para a concepção da identificação coletiva, culminando nas propostas identitárias nacionais do "país do futebol" e do "melhor futebol do mundo".

Mais especificamente, um grupo político pode utilizar o futebol para criar um sentimento de pertencimento, uma comunicação identitária para a nação através da

mídia. Simoni Guedes, uma pioneira nos estudos do futebol brasileiro, propôs em 1977 o conceito da “instituição zero”, para descrever os mecanismos de significação profunda e ampla que o futebol é capaz de produzir no contexto sociocultural brasileiro. Guedes (2013) explica:

No caso brasileiro, o futebol tem sido apresentado como um veículo quase intransponível para a produção e reprodução desses discursos sobre a nação e o "povo brasileiro", apoiando toda uma semântica sobre estilo nacional e brasilidade. Nos campos de futebol, histórias sobre ser brasileiro encontrariam seu espaço de escolha. Nesse sentido, o futebol seria a "zona franca" brasileira com maior potencial de significância. Na verdade, seria uma "instituição zero". (p. 94)

Nessa linha, podemos citar o estudioso alemão Thomas Fatheuer (2006) que caracteriza o papel do futebol nas concepções identitárias brasileiras:

É claro que uma identidade brasileira construída dessa maneira não se baseia no futebol, mas o futebol é um de seus elementos constitutivos e, ao mesmo tempo, falar sobre futebol é a linguagem privilegiada com a qual se pode refletir sobre nação e identidade. (p. 87)

O pensador polonês Bronislaw Baczko (1984) destaca o imaginário social como uma forma do indivíduo organizar e ajustar um mundo às suas necessidades e aos seus conflitos pessoais com o mundo vivido. Ou seja, o imaginário social compõe-se de referências que elaboram uma identidade, estipulando papéis e posições sociais, edificando códigos de comportamento, salientando que narrativas míticas podem ser utilizadas como forma de se obter coesão social, legitimando as hierarquizações sociais. É através das imagens criadas de si, em uma determinada época, que uma sociedade manifesta suas intenções e o seu lugar em um contexto histórico.

Com base nesses conceitos, serão analisados períodos históricos do Brasil onde podemos cruzar o uso do futebol nos canais de mídia como um instrumento comunicacional para a propagação de uma identidade nacional ou ideologia de interesse do então governo vigente.

2.1 A ORIGEM DO FUTEBOL BRASILEIRO (1884-1930)

A construção identitária brasileira, focada através do futebol, é marcada por polaridades que a tornam particularmente interessante. Ela está atravessada pelos conflitos, problemas sociais e políticos que constituem o fundamento do Brasil enquanto nação.

O início dessa história é atribuído à Charles Miller, filho de britânicos nascido em São Paulo, em 1874. Enviado para estudar na Inglaterra, retornou ao Brasil em 1884, trazendo da terra de seus pais, conforme conta a lenda popular, um par de bolas de futebol, uniformes completos e o livro de regras do jogo (UOL, 2006).

A prática do futebol, no Brasil, foi realizada pela primeira vez pelo São Paulo Athletic Club, formado por colonos ingleses, mas o primeiro clube formado, especialmente para a prática do futebol, foi a Associação Atlética Mackenzie College, em 1898. Na mesma época, o professor alemão Hans Nobiling iniciou em São Paulo o Sport Club Germania – hoje Pinheiros – e o carioca Oscar Cox fundou o Fluminense Football Club (Brasil Escola, 2008).

As ligas do esporte são fundadas primeiramente em São Paulo, em 1901. O Rio de Janeiro forma sua liga em 1905, e em 1915 já são registradas ligas na Bahia, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco e no Rio Grande do Sul (Universidade do Futebol, 2008).

São Paulo e Rio de Janeiro iniciaram a partir de 1915 uma intensa disputa para representar o futebol brasileiro no exterior. Cada um deles cria sua própria entidade, a Federação Brasileira de Futebol em São Paulo e a Federação Brasileira de Esportes no Rio de Janeiro. O impasse foi resolvido pelo embaixador Lauro Severiano Müller, com a criação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) em 20 de agosto de 1914. A CBD foi reconhecida oficialmente pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) dois anos depois.

Conforme aponta Joel dos Santos, em sua obra "História política do futebol brasileiro" (1981), a fase inicial do futebol no Brasil, situada pelo autor entre 1894 e 1920, está colocada em termos de uma prática destinada aos ricos ("só inglês, grã-fino e branco"), empenhados, deliberadamente, em obstruir o acesso dos mais pobres, quer como praticantes, quer como espectadores.

Um *match*¹ no *field*² do Bangu Athletic Club, aí por volta de 1910, devia ser um espetáculo mimoso. Moças loiras e perfumadas na assistência. Jogadores impecáveis nos seus calções e meias importados. A grama, que servia também para o *cricket*, aquecida pelos últimos raios de Febo. Antes de se iniciar o *meeting*³, os hip-hurras! E, depois, no final, o vencedor cantando, com hálito de *whisky*, o tradicional “*when more we drink together, more friends we be*”⁴. (SANTOS, 1981, p. 15).

Nessa caracterização, os pobres eram “intrusos no espetáculo”. No entanto, com o tempo, a limitação da presença das camadas populares foi gradativamente dando lugar a uma popularização. A fase branca e inglesa dava lugar a uma fase em que operários e pobres começavam a entrar em campo, ainda que timidamente. É importante apontar que Joel dos Santos situa todo o processo com importantes mudanças da sociedade brasileira que, segundo ele, podiam “ser acompanhadas por toda a parte, nas relações sociais ou na música popular”. No caso do futebol, do mesmo modo, haveria também uma espécie de paralelismo. A ampla alteração das cidades, “painel em que essas mudanças se retrataram”, com aumento da população, surgimento de novos ofícios e início de mobilizações de massa demandava então práticas corporais mais condizentes com aquele novo contexto. Seguindo seus argumentos, esse estado de coisas fez autoridades e industriais se convencerem de que “a cidade precisava de um esporte de massas” (p. 22). Estaria aí, portanto, uma das causas para a popularização do futebol.

Como a uma criança que manda brincar “para queimar energias”, os operários foram, então, mandados jogar futebol: os municípios isentaram os campos de impostos; os industriais se apressaram em construir *grounds*; a polícia parou de reprimir os rchas em terrenos baldios; os castigos aos estudantes de escolas públicas que fossem pegos jogando futebol; suspensos. (SANTOS, 1981, p. 22).

¹ Tradução livre: Jogo

² Tradução livre: Campo

³ Tradução livre: Encontro

⁴ Tradução livre: Quanto mais bebemos juntos, mais amigos nós somos

Na sua evolução histórica, que contém muitos elementos suficientemente conhecidos e estudados, o jogo bretão importado e elitista se transforma em esporte popular e nacional. A melhor e mais expressiva síntese dessa evolução, focada na importância e forma que esse esporte foi adquirindo no Brasil, é formulada pelo uruguaio Eduardo Galeano (2010), em seu livro clássico sobre a história mundial do futebol, "El fútbol a sol y sombra":

Simultaneamente, o futebol foi tropicalizado no Rio de Janeiro e em São Paulo. Foram os pobres que o enriqueceram, enquanto o expropriaram. Esse esporte estrangeiro tornou-se brasileiro, pois deixou de ser um privilégio de alguns jovens ricos, que o praticavam copiando, e foi fertilizado pela energia criativa das pessoas que o descobriram. E assim nasceu o futebol mais bonito do mundo, feito de quebras de cintura, ondulações corporais e vôos de perna que vieram da capoeira, a dança guerreira de escravos negros e dos felizes dançarinos da periferia das grandes cidades. (GALEANO, 2010, p. 34)

O primeiro marco da seleção nacional na história é o Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1919, torneio sediado pelo Brasil e no qual a seleção brasileira, comandada por Friedenreich, conquista o seu primeiro título internacional.

Figura 1 - Friedenreich com a camisa do São Paulo Futebol Clube, 1930



Fonte: Acervo do São Paulo FC

Arthur Friedenreich, o jogador que marcou o gol do primeiro título sul-americano da seleção brasileira, em 1919, contra o Uruguai. Seu pai era alemão e sua mãe ex-escrava, estando assim as heranças europeias e africanas em seu sangue (CBF, 2019).

Nesse momento, o futebol mal começa a fazer um papel simbólico para a unificação nacional, marcada pela urbanização e imigração massivas. E um “mulato”, conforme relatado em jornais da época, como Friedenreich, destacava-se como o jogador mais importante da época. Embora os números sejam questionados por pesquisadores, ele seria o maior artilheiro do futebol mundial, anotado 1.329 gols em 26 anos de futebol (Terceiro Tempo, 2011).

O biógrafo Antonio Falcão (2006) escreve sobre a vida de Arthur Friedenreich em seu livro "Os Artistas do Futebol Brasileiro":

Em 1888, com o fim da escravidão da raça negra, a economia agrária brasileira entrou em crise. E, no rastro, o comércio ruiu por toda parte. Até na catarinense cidade de Blumenau, onde o alemão Oscar Friedenreich viu seu negócio ameaçado. Nisso, antes de falir, ele fez a mala e foi para São Paulo, capital, onde tantos germânicos ganhavam a vida com sangue, salsicha, suor, cerveja, chucrute e lágrima - muita lágrima. Na Paulicéia - como se convencionou chamar a cidade, rearrumou-se como comerciante e casou com Matilde, uma lavadeira negra. Deles, em 18 de julho de 1892, nasceria um menino mulato, de olhos verdes, batizado como Arthur Friedenreich. (FALCÃO, 2006, p.50)

A Lei Áurea havia sido sancionada em 13 de maio de 1888, desse modo, passados 31 anos após a abolição da escravidão no Brasil, um filho de ex-escrava marcou o gol do primeiro título da seleção nacional de futebol.

De todo modo, nem o ineditismo da conquista serviu de ensejo para uma passagem infame na história do esporte nacional. Dois anos mais tarde, o racismo institucional daria as caras de forma explícita com o veto à convocação de jogadores negros.

Após uma rixa entre as agremiações de São Paulo e Rio de Janeiro, a edição de 1920 do campeonato sul-americano, disputado no Chile, não contou com atletas dos times paulistas - deixando Friedenreich de fora da competição (El País, 2019).

Antes de retornar ao Brasil, a delegação parou em Buenos Aires para disputar um amistoso contra a Argentina. A charge racista publicada por um jornal local, que retratava jogadores brasileiros como macacos e ironizava que “os macaquitos já chegaram em terras argentinas”, revoltou parte da equipe brasileira. O capitão Sisson e outros seis atletas decidiram boicotar o jogo. Já a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) permaneceu irredutível no propósito de realizar a partida. Contando até mesmo com o chefe da delegação, Oswaldo Gomes, na linha, a seleção entrou em campo com sete jogadores e perdeu por 3 a 1 (ESPN, 2019).

Como a edição de 1921 do Sul-Americano seria abrigada pela Argentina, a CBD buscava uma maneira de se afastar de novas indisposições com os rivais. Influente nos bastidores do esporte, o presidente da República, Epitácio Pessoa, preocupado com a imagem do país no exterior, teria recomendado à confederação que não levasse jogadores negros para a competição em território vizinho (Época, 2019). De fato, craques que brilharam na campanha do título em 1919, como Friedenreich e o ponta-esquerda Neco, não foram chamados.

Apesar das provocações de cunho racista que desferia a Pedro Lessa, então ministro do Supremo Tribunal Federal (Folha de S. Paulo, 2014), Epitácio Pessoa sempre negou qualquer tipo de veto a negros na seleção. Atribuía a ausência deles no Sul-Americano à queda de braço nos bastidores envolvendo as federações carioca e paulista.

O time essencialmente branco de 1921 voltou a fracassar. Perdeu na estreia, no mesmo estádio onde o combinado de sete jogadores havia sido improvisado no ano anterior, para a Argentina, que acabaria sagrando-se campeã do torneio pela segunda vez. Em 1922, o Brasil sediou novamente o Sul-Americano. Para não correr o risco de dar vexame em casa, a CBD resolveu aparar arestas entre federações e suspendeu o veto a jogadores negros. Apesar de Friedenreich se machucar no primeiro jogo da competição, a seleção conseguiu faturar seu segundo título, com uma vitória de 3 a 0 sobre o Paraguai na final.

Encarada como uma grande prova de afirmação internacional da seleção, a conquista pouco contribuiu para mitigar a marginalização do negro no futebol brasileiro. Dois anos depois, o Vasco foi excluído da liga carioca por se recusar a abrir mão de seus jogadores negros (El País, 2019). Apenas com o advento da profissionalização, no início da década de 30, eles passaram a ser incorporados pelos clubes de elite.

O time do Vasco, inclusive, participou de outro episódio marcante para a relação do futebol e política, que comprova que, no final dos anos 20, o futebol já despertava a atenção de políticos para sua autopromoção.

No Brasil, o primeiro registro de um presidente entrar em um campo de futebol remonta ao ano de 1927, quando Washington Luís vestiu terno e gravata para ir ao centro do gramado dar o pontapé inicial da partida entre o Vasco da Gama e Santos, na inauguração do estádio São Januário, no Rio de Janeiro.

Conta-se que justamente aí surgiu a primeira polêmica em torno de autoridades tirarem proveito dessa situação. Feitiço, atacante santista, depois do jogo, disse que o presidente Washington Luís tinha poder dentro do palácio, mas que dentro de campo, o brilho era dos jogadores. A diretoria do clube paulista não gostou das palavras do atleta e acabou aplicando uma punição ao atleta (Folha de S. Paulo, 2019).

Figura 2 - Presidente da República Washington Luís na inauguração do Estádio São Januário, 1927



Fonte: Acervo do Centro de Memória e Estatística do Santos FC

2.2 DE CHARLES MILLER A GETÚLIO VARGAS: POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL (1930-1945)

Somente na década de 1930, com incentivo do governo Vargas, os primeiros jogadores negros começaram a ser aceitos e, a partir desse marco, ocorre a massificação do esporte.

A profissionalização do futebol a partir dos anos 1930 é que abre as portas à diversidade étnica e, principalmente, à presença de jogadores negros. Os primeiros sucessos internacionais tornam o futebol em plataforma de projeção identitária de um Brasil moderno, mestiço (uma “democracia racial”) e “país do futuro”.

A partir dos anos 30, o que acontece é uma estruturação cada vez mais intensa do futebol, processo que podia ser notado através de ligas, campeonatos interestaduais e os próprios clubes, cada vez melhor organizados. Diante deste movimento, a prática do futebol chama cada vez mais a atenção por parte do Estado brasileiro. Com o governo de Getúlio Vargas, o Estado adotou a postura de intervir na cultura para disseminar uma imagem moderna do país. Surge aqui também a ideia de “cultura de massa”, segundo Lúcia Oliveira (2003):

A sociedade de massa fez sua entrada no cenário mundial durante o século XX. As multidões se tornaram visíveis e passaram a fazer parte da sociedade e a contar. As grandes transformações sociais estiveram, assim, marcadas pela incorporação das massas, que se tornaram eleitoras e consumidoras. Sociedade moderna passou a ser identificada como sociedade de massas (p. 325).

A ideia foi captar elementos de forte apelo cultural vigentes no país desde o início do século e aliá-los à ideia de “país moderno”. Foi assim que o ideário modernista foi convertido em política de governo, e o Estado passou a intervir na cultura como nunca. O estado transformou grande parte da cultura brasileira numa vasta área de potencialidade de atuação política. Esta perspectiva política, que teve sua origem no governo Vargas, pode ser detectada até hoje. Segundo Hermano Vianna (1995), o intuito governamental à época era encontrar determinados traços da cultura do país que pudessem ser aceitos, pelo maior número de patriotas, como

aquilo que existisse de mais brasileiro em seu país, no intuito de promover uma identificação nacional dos cidadãos com sua nação.

O futebol foi mais um dos elementos utilizados por Vargas como capaz de atrair a atenção do povo brasileiro e criar a identificação deste com sua “nação”. Tanto os jogos disputados no país quanto as atuações da seleção brasileira no exterior atraíam grande atenção do público. É neste período em que o futebol sai definitivamente do amadorismo e passa a ser institucionalizado.

O rádio foi um importante aliado para a popularização do futebol, uma vez que o número de interessados no esporte passou a ser bem superior ao que comporta um estádio, seu apelo diante do grande público deveria ser feito também por outros meios – e, à época, o rádio era dos principais meios a se fazê-lo. Conforme aponta Nicolau Sevckenko (1998), na década de 30, o rádio ganhou importância no espaço privado do brasileiro, tendo um impacto fundamental na transformação deste em relação a sua visão de mundo. Pode-se perceber aqui também interferências de Vargas: a sanção de uma medida que liberava a publicidade nos intervalos dos programas de rádio fez com que toda a programação fosse repensada, de modo a atrair a atenção de consumidores em potencial. As agências de publicidade acabaram sendo as grandes responsáveis pela elaboração da programação das rádios, e a partir desta nova lógica, programas de forte apelo popular, como novelas, programas de auditório e musicais com as famosas cantoras de marchinhas de carnaval, por exemplo, passam a ganhar destaque na programação.

O futebol, dado seu forte apelo popular, também se insere na programação das rádios. Assim, para que o esporte fosse acompanhado pelo maior número possível de pessoas, a transmissão das partidas era sempre pensada para ser feita numa linguagem abrangente, capaz de ser de fácil percepção ao público em geral, conforme aponta Vianna (1995).

A relação do brasileiro com o futebol nos anos 30 é retratada por Fábio Franzini (1997) da seguinte forma:

Os anos 30 são um momento decisivo na relação entre o futebol e a sociedade brasileira. Enquanto o meio político-cultural começa a redefinir as concepções acerca do ‘nacional’, a popularidade do futebol é impulsionada tanto pelo desenvolvimento do rádio como meio de comunicação de massa quanto pela oficialização do profissionalismo dos

jogadores, fato este que transforma o jogo em trabalho. O futebol, assim, estabelece-se como um meio de integração e ascensão socioeconômica para as camadas populares – historicamente excluídas –, bem como torna-se um dos elementos que viriam a caracterizar a identidade nacional brasileira. (p.50)

Ao longo da década de 30, uruguaios e italianos disputam a soberania internacional do futebol; a conquista do bicampeonato olímpico no começo do século pelos uruguaios e o triunfo da equipe italiana na Copa de 1938 são exemplos de tal domínio. Algumas polêmicas marcaram a participação do Brasil nesta Copa, inclusive. Rio de Janeiro e São Paulo chegaram a um consenso, e com isso atletas dos clubes de ambas as cidades (que reuniam à época os principais jogadores do país) tornaram-se “selecionáveis”. Com isso, tanto jogadores cariocas quanto paulistas estavam presentes na equipe, depois de vários conflitos entre as federações das respectivas cidades sobre a pertinência ou não da profissionalização do esporte, seguidos de boicotes ao time nacional – ora de uma parte, ora de outra. Fato importante em 38 também foi a mudança de mentalidade que propiciou que atletas negros também pudessem atuar no time (Trivela, 2013). Desta forma, a equipe era considerada uma verdadeira seleção, pois era enfim composta por grande parte dos elementos étnicos e regionais que representavam o povo brasileiro.

O esporte há muito já tinha perdido seu cunho elitista; clubes da periferia já participavam das ligas oficiais, e o futebol, além de ter se profissionalizado, não contava somente com sócios dos clubes que disputavam partidas por suas respectivas associações, pelo contrário, a maioria dos atletas era devidamente remunerada pela profissão. Esperava-se que nesta Copa, além do coroamento do estilo de jogo brasileiro, também ocorresse a valorização da raça brasileira, terminologia razoavelmente difusa à época, que seria a síntese de várias culturas e diversas nacionalidades, e da democracia racial, debatida por intelectuais justamente ao longo da década de 30 (Info Escola, 2008).

As vitórias da seleção nacional sobre equipes de outros países passam a servir de justificativa para vinculações diretas destas conquistas ao que de mais peculiar teria o brasileiro – como se na esfera do futebol, não existisse para o brasileiro concorrente à altura; seria este o campo ideal para que os brasileiros desenvolvessem todas as potencialidades de sua genialidade. A expectativa criada em torno da

atuação da seleção brasileira na Copa de 1938 foi grande, visto que aquela seria a primeira vez em que uma equipe brasileira disputaria uma Copa “com sua força máxima”.

A campanha do Brasil na Copa empolgou a torcida pelo país afora. Depois de uma vitória por 6 a 5 sobre a Polônia, seguida por um empate e uma vitória sobre a Tchecoslováquia, a confiança pelo título foi grande. Até que o time sucumbiu diante da Itália por 2 a 1, com um gol de pênalti altamente contestado pela equipe brasileira selando a vitória dos italianos, que viriam a conquistar o título. A derrota brasileira nas semifinais do torneio adquiriu caráter de catástrofe no país. A forma como a notícia repercutiu no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, então capital federal, foi registrada por Getúlio Vargas (1995), que em meio às suas obrigações anotou em seu diário:

O jogo de ‘football’⁵ monopolizou as atenções. A perda do ‘team’⁶ brasileiro para o italiano causou uma grande decepção e tristeza no espírito público, como se se tratasse de uma desgraça nacional. (p.140)

Figura 3 - Capa da Gazeta de Notícias, 17/06/1938



Fonte: Acervo Gazeta de Notícias

⁵ Tradução livre: Futebol

⁶ Tradução livre: Time

A reação imediata da população no Brasil foi de indignação diante do resultado, que mais tarde deu lugar a uma espécie de refutação do mesmo. Integrantes da delegação brasileira cogitaram a possibilidade de reivindicar a revogação do jogo. Entretanto o resultado se manteve, e coube ao Brasil contentar-se com o terceiro lugar. A repercussão que essa Copa teve no país, nos mais diversos âmbitos sociais, foi enorme. As partidas eram transmitidas ao vivo pelo rádio. Editoriais em jornais de grande circulação foram dedicados a comentar a atuação brasileira no campeonato – em especial a derrota nas semifinais e seu impacto no país.

Assim que chegaram ao Brasil, os atletas que estavam na França disputando a Copa foram ovacionados, receberam várias condecorações oficiais, desfilaram em carreata por ruas de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Leônidas da Silva, maior artilheiro da competição, de tão popular, serviu como garoto-propaganda de um novo doce criado à época – seu apelido, “Diamante Negro”, serviu para dar nome a um chocolate ainda hoje popular no Brasil (Globo Esporte, 2013).

Esses são exemplos de que o futebol passou a ser assunto de grande importância para o brasileiro. Sua popularidade era incontestável. Era como se a partir de então, o brasileiro passasse a se enxergar enquanto indivíduo pertencente a uma nação através de um grande elemento identificador: o futebol. Como se a consciência do brasileiro sobre sua condição, sobre sua brasilidade, viesse por intermédio do futebol. A forma como o futebol passou a ser tratado no Brasil não foi obra do acaso: o governo Vargas, percebendo o potencial mobilizador que este esporte tinha, foi bastante hábil em tomar posse, patrocinando seu crescimento. Via incentivo aos clubes, aos campeonatos disputados no Brasil e à participação da seleção em torneios internacionais, para que, uma vez popular em um âmbito nacional, adquirisse este caráter de elemento propagador do nacionalismo brasileiro, característica presente ainda hoje na sociedade brasileira. A instauração do Estado Novo tinha como um dos seus ideais a construção de uma identidade nacional mais forte e unificada, e o futebol era um grande contribuidor.

Getúlio Vargas, inclusive, utilizou estádios esportivos para promoção política. Nas festas do 1º de maio, discursando das tribunas de honra em frente ao microfone que levava sua voz a todo o Brasil e até ao exterior, em retransmissões do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), Vargas utilizava-se do capital simbólico dos estádios para se aproximar das classes populares, que tinham no esporte um de seus principais elementos de lazer.

A partir de 1938 o governo estado novista vai se apropriando da data. Naquele ano, em uma solenidade no Palácio Guanabara, Vargas assinou o decreto-lei que previa a criação do salário mínimo (que seria decretado em 1940) e outro que dava isenção de impostos na compra e construção de casas a operários.

O primeiro dia do trabalho celebrado em um estádio de futebol ocorreu no ano de 1940, em São Januário, casa do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro. Cerca de quarenta mil pessoas, segundo informações do Jornal do Brasil na época, se deslocam para o estádio de São Januário em bondes e ônibus gratuitos, de linhas especialmente montadas para o evento. O evento se iniciava às 15 horas com a entrada triunfal de Vargas em carro aberto, dando uma volta olímpica no campo, saudando o público presente. Depois, o discurso do ministro do Trabalho, Valdemar Falcão, foi seguido pela apresentação da Canção do Trabalhador, cantada por Carlos Galhardo, uma das maiores estrelas do rádio da época. Muitas outras cerimônias se seguiram até o discurso de Getúlio. Nele, o Presidente decreta finalmente o salário mínimo, assinando o Decreto-lei em pleno estádio, juntamente com Valdemar Falcão (Ludopédio, 2012).

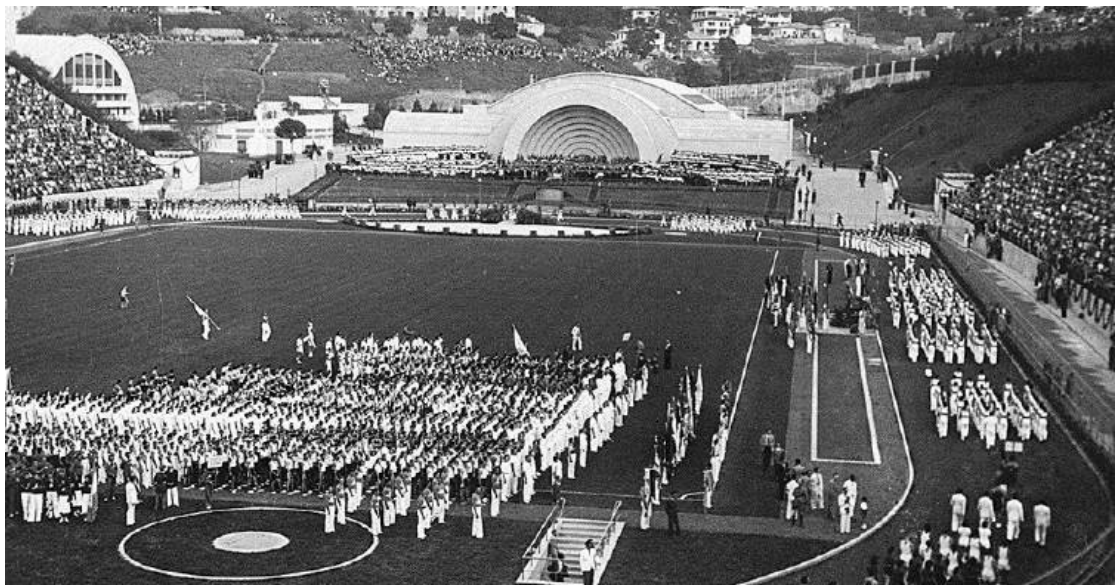
A relação do Estado novo com os estádios de futebol não se restringiu à capital Rio de Janeiro. As obras do estádio do Pacaembu em São Paulo fizeram parte do governo Vargas, também. À época, o Pacaembu seria o maior estádio do país. Sua construção foi mais do que um marco do esporte paulista, era uma obra do esporte nacional, que mostrava a capacidade edificadora do regime que se impunha sobre o povo. Com suas obras inauguradas em 1936, o estádio municipal sofreu uma reformulação com a instauração do Estado Novo e com a indicação de Prestes Maia para prefeito da cidade. Como aponta Plínio Negreiros (1998) em artigo sobre o estádio:

Coube, assim, ao novo prefeito de São Paulo, retomar a construção do estádio municipal, tendo em vista que aquela obra suplantaria as suas supostas funções. Na verdade, o estádio deveria ter uma função maior do que apenas servir de palco para as disputas esportivas; ele deveria simbolizar a importância que o poder público e parcelas da sociedade paulista - mas também brasileira - davam para as atividades físicas, devidamente organizadas e dirigidas pelo Estado. Deveria demonstrar o vigor físico que os paulistas haviam

atingido, como o que poderiam atingir. Dessa forma, estava-se diante da construção de um monumento, capaz de expressar concepções acerca dos caminhos que o país precisaria seguir. (p.30)

O estádio do Pacaembu seria então mais do que um simples estádio, seria um símbolo da capacidade esportiva do povo brasileiro. E esse simbolismo fica evidente em sua cerimônia de inauguração, no dia 27 de abril de 1940, com uma festa nacional que contou com a presença do presidente da República, Getúlio Vargas, dos interventores federais dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais – Amaral Peixoto, Adhemar de Barros e Benedicto Valadares, respectivamente –, e de Prestes Maia e Henrique Dodsworth, prefeitos de São Paulo e do Distrito Federal (Jornal da USP, 2018).

Figura 4 - Inauguração do estádio do Pacaembu, 27/04/1940



Fonte: Jornal da USP

As construções esportivas eram assim símbolos de uma nova era nacional. Enquanto o mundo se encontrava em guerra, o Estado Novo afirmava sua capacidade ao construir grandes monumentos a serem desfrutados pelo povo. O futebol era um símbolo não só do sucesso do país nas quatro linhas, mas também do regime de exceção que imperava.

O futebol, inclusive, teve um papel importante durante a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. O país foi o único da América Latina a participar ativamente

do conflito, entrando oficialmente na guerra ao lado dos aliados em 1942 e enviando tropas à Europa em 1944.

Pouco antes do envio das forças armadas, segundo relata João Lyra Filho, então presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND), em seu livro “Introdução à Psicologia dos Desportos” (1983), os meios militares tinham a impressão de que a indiferença tomava conta de grande parte da população brasileira e o embarque dos pracinhas para a Itália não parecia ter despertado o sentimento cívico do povo. Assim, o então Ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, insatisfeito com uma suposta falta de sentimento cívico brasileiro, teria pedido auxílio de Lyra Filho, para tentar despertar os brios da população.

O então presidente do CND teria sugerido a realização de um evento festivo futebolístico para a despedida dos “pracinhas”, como eram chamados os soldados do Exército Brasileiro. O futebol atuaria assim como um elemento catalisador na nacionalidade brasileira, utilizando seu capital simbólico a fim de despertar na população o sentimento pátrio buscado por Dutra.

O CND promoveria a realização de dois jogos da seleção brasileira contra o rival Uruguai, um na capital do país, em São Januário, e outro em São Paulo, no Pacaembu. Os jogos da seleção brasileira contra o Uruguai eram, sem dúvida, um excelente chamariz, visto que as competições internacionais estavam estagnadas desde a entrada do Brasil na guerra, em agosto de 1942.

No primeiro jogo, realizado em 14 de maio, milhares de pessoas comparecem ao estádio de São Januário para o jogo entre brasileiros e uruguaios. O encontro contou com a presença de importantes nomes do governo na tribuna de honra, como Oswaldo Aranha, Eurico Gaspar Dutra e Joaquim Salgado Filho, ministros do Exterior, da Guerra e da Aeronáutica, respectivamente, além de oficiais do governo uruguaio. O evento foi precedido de muitas formalidades em homenagem ao Corpo Expedicionário Brasileiro, com desfile de 10 mil soldados brasileiros, que depois ocuparam uma das arquibancadas do estádio.

O segundo jogo, no Pacaembu, registrou mais de 60.000 espectadores. A seleção brasileira venceu os dois confrontos e os espetáculos proporcionaram uma maior possibilidade de aproximação da população das cidades ao esforço de guerra das forças armadas que estava prestes a se iniciar oficialmente.

2.3 O PÓS-GUERRA E A PRIMEIRA COPA NO BRASIL (1945-1950)

O período da Segunda Guerra mundial impediu a primeira execução de uma Copa do Mundo em território brasileiro. Em 1941, durante o conflito, a Argentina apresentou uma proposta com jogos do torneio de 1942 sendo disputados em Buenos Aires, Montevideu e Rio de Janeiro, porém, a ideia foi rejeitada pela FIFA, que optou pelo cancelamento da competição, assim como a edição de 1946 (Superinteressante, 2018).

Por causa da guerra, os países europeus estavam devastados, e não tinham condições de sediar um evento como a Copa do Mundo de 1950. Dos três pré-candidatos de 1938, somente o Brasil mantinha sua candidatura. Os cartolas brasileiros prometeram construir dois estádios novos, o Maracanã, no Rio de Janeiro, e o Independência, em Belo Horizonte, além de reformar todos os estádios das outras quatro cidades-sede, Recife, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre.

O Brasil vivia um clima de euforia e otimismo. Com a ascensão de uma Nova Ordem Mundial pós-Segunda Guerra, em um mundo bipolar marcado pelo conflito diplomático entre Estados Unidos e União Soviética, o Brasil rapidamente escolheu um lado. Alinhado com os Estados Unidos, o país passou a se alimentar da crescente prosperidade econômica americana e deu os primeiros passos para o progresso econômico que marcaria toda a década de 1950 – os Anos Dourados brasileiros. A Copa do Mundo deveria coroar essa entrada triunfal em uma nova era. Em 27 de julho de 1948, no Congresso realizado em Londres, a Fifa confirmou o país como sede da Copa de 1950. Longe da devastada Europa, o Brasil seria o palco do recomeço da Copa do Mundo.

O responsável pela escolha foi Jules Rimet. Presidente da Federação Francesa de Futebol desde 1919, Jules acumulava o cargo de presidente interino da Fifa em 1920. Ele insistia na ideia de transformar o futebol em instrumento para renovar os laços internacionais. No contexto do fim de uma Guerra Mundial, a Fifa deveria ser mais do que uma entidade esportiva: seria quase uma missão diplomática. Era um sonho ousado. O cenário era pouco propício aos encontros internacionais. Se as partidas entre países aliados foram retomadas rapidamente, era inimaginável organizar um amistoso entre França e Alemanha, ou Inglaterra e Itália, nações que estavam em trincheiras opostas durante a Guerra. Para Jules Rimet, apenas uma

competição mundial poderia aproximar os povos e suscitar um interesse internacional (Época, 2014).

A Copa de 50 viria para afirmar o Brasil como nação civilizada e desenvolvida, para provar aos estrangeiros, principalmente ao primeiro mundo, e aos brasileiros, nossa capacidade de promover grandes eventos e nos mostrar como uma nação evoluída. A construção do maior estádio do mundo até então existente, o Maracanã, foi apoiada pelo presidente Getúlio Vargas, e a possível vitória da seleção brasileira seria apenas a cereja deste grande bolo. A alta cúpula do governo promovia a perspectiva que aquele evento seria um marco na história do país e seria o primeiro passo para as grandes mudanças, segundo Gerson Fraga (2009). Não apenas na capital federal, mas em todas as sedes do Campeonato Mundial (São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife) se cobrava uma apresentação de magnitude internacional.

Os brasileiros estavam vivendo aquele mundial não apenas pelo futebol, eles estavam esperando a vitória que consagraria um país que de certa forma, enfim, teria uma cara, uma identidade que o definiria para todo mundo. O Maracanã foi construído através do orgulho nacionalista dos brasileiros. O monumental estádio era o palco da festa, da consagração da nação. O jornal Gazeta de Notícias enaltecia o feito, em seus termos:

Seu caráter guerreiro transparece em diversos indícios. A linguagem usada nele tem expressões significativas, como 'matar a bola', 'matar a jogada' ou 'matar o jogo'. O jogador encarregado de fazer a maior parte dos gols da equipe é o 'artilheiro', 'o matador', 'o carrasco dos adversários'. O representante do time junto ao árbitro é conhecido por uma patente militar, "capitão". Certos futebolistas, devido a disposição mostrada durante as partidas, ganham o apelido de 'guerreiro', outros em razão de sua força física são chamados de 'tanque' [...]. A própria partida é 'confronto', 'duelo', 'embate', 'peleja'. Uma festa de inteligência e de músculos, porque se ali estavam os orientadores da monumental construção também não se encontravam ausentes os que a realizaram na batalha energética do labor de vinte e quatro horas consecutivas. Em todos os lábios, porém o que se podia ver era um sorriso de satisfação –

carteira de identidade de uma felicidade íntima. [...] Que Maracanã venha a ser o trampolim da nossa consagração. E ao mesmo tempo de uma consagração limpa, clara sem subterfúgios. Nossos hóspedes já chegaram! (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1950, p.12)

Em 1950, a grande mídia era representada pelos jornais impressos e pelas rádios. O futebol já era maioria nas páginas dos jornais, mas ainda não era uma unanimidade. E isso se reflete com a seleção brasileira que perdia espaço para as notícias das equipes regionais ou outros esportes. Com a realização da Copa no Brasil, o futebol passou a ganhar mais espaço, mas ainda se observava que as notícias eram pequenas, superficiais e muitas vezes de cunho regionalista. A rivalidade entre São Paulo e Rio de Janeiro ditou as informações da seleção brasileira e sobre a Copa de acordo com o interesse de cada estado.

Com o desempenho da seleção na Copa, o nacionalismo explodiu. Dias antes do jogo final o grito de “É campeão!” já era emitido pelas ruas do Brasil. Ninguém esperava a derrota, o otimismo era gritante e presente por todos os lados. A confiança estava inflada e ocupava todos os espaços daquele Maracanã completamente lotado, como no discurso anterior ao jogo do prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Ângelo Mendes de Moraes, transcrito por Paulo Perdigão (2000):

Vós, brasileiros, a quem eu considero os vencedores do Campeonato Mundial! Vós, jogadores, a que menos de poucas horas sereis aclamados campeões por milhões de compatriotas! Vós, que não possuís rivais em todo o hemisfério! Vós, que superais qualquer outro competidor! Vós, que eu já saúdo como vencedores! [...] Cumpri minha promessa construindo esse estádio. Agora, façam o seu dever, ganhando a Copa do Mundo! Jogadores do Uruguai: o desporte no Brasil os saúda com o coração aberto! Jogadores do Brasil: 52 milhões de brasileiros esperam pelo título mundial! Não frustrem essa esperança! (p. 114)

De acordo com o jornalista Leda Costa (2008), “o tom nacionalista, aliás, marcou a realização da Copa do Mundo de 1950, o que fez com que a partida do dia

16 de Julho se afigurasse como o momento inigualável da história de um país que por intermédio do futebol poderia se mostrar vencedor e capaz de grandes realizações”.

Ao final da partida, o Uruguai se consagrou campeão mundial, vencendo por 2 a 1. Com a derrota, os planos brasileiros foram por água abaixo, houve uma explosão de preconceitos e estereótipos, principalmente com Barbosa, o goleiro negro da seleção brasileira. Os uruguaiois passaram a chamar aquela final de *Maracanazo*, a derrota foi um golpe na autoestima do brasileiro no século XX, conforme afirma Torres Gilardi (2008).

O clima da Copa era de certa forma um falso nacionalismo, que viria a ser derrubado com um gol uruguaio anotado pelo ponta-direita Ghiggia e um Maracanã silenciado. Após a derrota o nacionalismo se perdeu, pois o que se viu foi uma unidade nacional destituída e tomada por preconceitos. A mídia foi a primeira a deflagrar esse sentimento que fora instaurado desde a escolha do Brasil como sede. O orgulho se tornou vergonha, a seleção o nosso fracasso. Segundo o jornal Mundo Esportivo, éramos um país sem glórias.

Virou-se a última página do vigoroso drama que sacudiu a cama dos brasileiros e agora, passados os primeiros instantes de mágoa e decepção, podemos analisar, friamente, as causas que determinaram a dolorosa tragédia do futebol brasileiro. [...] Tão pouco movemos o desejo de ferir este ou aqueles. Visamos antes de tudo, apontar os erros que presidiram os preparativos e a orientação do nosso quadro, e nisso não faremos mais do que repetir os gritos de alerta que, patrioticamente, não nos cansamos de repetir enquanto havia tempo para reparos. Em desprezioso retrospecto, apontaremos os dez erros que culminaram com a derrota do Brasil na Copa do Mundo. (MUNDO ESPORTIVO, 1950, p. 7-8)

Assim, a dor e as lágrimas que os brasileiros derramavam naquele 16 de Julho representavam o sentimento de perda, o sentimento de fracasso de uma nação que buscava a partir daquela vitória se fortalecer, se afirmar como um país potencialmente forte, com um povo unido e patriota, que acreditava e apoiava a sua pátria. Os jornais estampavam no dia seguinte ao jogo a tristeza e a vergonha: “Drama, Tragédia e Ridículo!”, apresentava o Mundo Esportivo, de São Paulo. A Gazeta de Notícias, do

Rio de Janeiro, definiu a derrota como o presente que não merecíamos “Desilusão e lágrimas – prêmio que recebeu a torcida brasileira”.

Figura 5 - Matéria do jornal Mundo Esportivo, 21/06/1950



Fonte: Acervo Mundo Esportivo

2.4 O BICAMPEONATO MUNDIAL (1950-1964)

Politicamente, pós-Copa de 1950 ficou marcado por um novo governo de Getúlio Vargas (1951-1954), retorno à política nacional-desenvolvimentista centrada no intervencionismo estatal, conflito com o capital estrangeiro, apelos populistas do presidente Vargas em rota de choque com as Forças Armadas, iminência de golpe de Estado e isolamento do presidente, que culminou, em agosto de 1954, com o seu suicídio (UOL, 2013).

O trauma de 1950 faz desmoronar a construção de identidade nacional, construída sobretudo por Vargas, e evidencia sua fragilidade projetada não só, mas, sobretudo através do futebol. Podemos analisar que o andamento da seleção brasileira nas copas do mundo mostra a inter-relação complexa entre mundiais de futebol e a situação político-social no Brasil. Não se trata apenas de uma narração linear, a relação entre a dimensão política e a futebolística na história das Copas do Mundo é que faz surgir a articulação de uma visão coletiva, mesmo que bem particular, da nação, como sintetiza Martin Curi (2013):

Fica evidente que os brasileiros narram a sua história no ritmo quadrianual das copas do mundo de futebol, o que faz surgir uma mitologia moderna. [...] O importante é que através do futebol os brasileiros contam histórias sobre si mesmos, onde eles vão definindo a sua visão do mundo e a sua identidade. (p. 74)

O jogo, os sucessos e os fracassos da seleção nas Copas do Mundo originam, portanto, narrativas coletivas entrelaçadas com os discursos identitários existentes e concorrentes. De forma semelhante, Thomas Fatheuer (2006) propõe uma visão complexa e contraditória da inter-relação entre futebol e política no Brasil:

Não quero propagar a ideia sociologizante de que o futebol seria determinado pela evolução social. Porém é interessante e muito importante que os discursos sobre a evolução do Brasil e do futebol mostram paralelismos nítidos. Ou seja, o falar sobre futebol também é um grande debate popular sobre o país e a política. (p. 117)

Um dos símbolos mais famosos desta narrativa é o “complexo de vira-latas” (Releituras, 2001) formulado pelo escritor e jornalista Nelson Rodrigues, onde, nas suas crônicas futebolísticas, parte do trauma de 1950 para narrar, Copa a Copa, os altos e baixos do Brasil-Nação espelhado na sua seleção de futebol, recuperando a sua dignidade com o primeiro campeonato em 1958 e seguindo a mesma lógica entre o “melhor futebol do mundo” e o “complexo de vira-latas” até 1970, quando parece que o Brasil se coroa definitivamente enquanto tricampeão do mundo.

O sentimento de certa inferioridade e de "medo" de decidir em momentos importantes foi carregado por oito anos, até a Copa do Mundo da Suécia. Em 1958, a conquista da Copa por Pelé, Garrincha e companhia eliminou nos brasileiros o “complexo de vira-lata” e envolveu o Governo Kubitschek numa aura de euforia e entusiasmo, permitindo a conclusão da polêmica construção de Brasília.

Em 1958, Juscelino Kubitschek, o presidente que havia prometido o progresso de "cinquenta anos em cinco" (Senado Federal, 2010), entrava em seu terceiro ano de governo, Brasília estava sendo criada no cerrado, e a Bossa Nova começava a fazer sucesso. Bons presságios para quem buscava se afirmar no cenário nacional e internacional.

Enquanto isso, na Suécia, um jovem de 17 anos, conhecido como Pelé, e um homem de pernas tortas, chamado de Mané, brincavam com as defesas adversárias e caminhavam a passos largos para exterminar de vez o tal complexo de vira-latas. E não deu outra, no dia 29 de junho de 1958, os 5 a 2 diante dos donos da casa marcaram de vez a virada do Brasil no futebol e na economia.

Naquela época, haviam poucas televisões pelo Brasil. O povo acompanhou a conquista pelo rádio, mas nem isso impediu que os brasileiros se unissem, já que os torcedores se reuniam nas ruas próximas aos alto-falantes colocados em frente a jornais e estações de rádio. Somente um mês depois foi possível assistir por imagens a final, onde a filmagem do jogo foi parar nos cinemas.

Dois dias após a vitória na Suécia, que enlouqueceu os brasileiros de alegria e orgulho, Kubitschek inaugurou em Brasília o Palácio da Alvorada, primeiro marco da nova capital do país.

Figura 6 - Kubitschek com a taça da Copa em recepção à seleção, 1958



Fonte: Folha de S. Paulo

Estabelecendo alguns possíveis paralelismos com a política de Estado, o campeonato de 1958 combina perfeitamente com a era Kubitschek, que quer levar o Brasil às pressas à modernidade. Juscelino era a imagem do sucesso: afável, leve, futurista. Como explica o historiador Walther Bernecker (2000), naquele momento “simplesmente tudo parecia possível. E em 1958 o Brasil até foi campeão mundial”.

O time de Pelé, Garrincha e Didi deu novo destino ao futebol brasileiro. Foi quando se cantou pela primeira vez a música que tornou símbolo da conquista na Europa: “A Taça do Mundo é nossa, com o brasileiro, não há quem possa. É esquadrão de ouro, é bom no samba, é bom no couro...”, de autoria de Wagner Maugeri, Lauro Müller e Victor Dagô. O presidente Kubitschek não foi ao Aeroporto do Galeão receber os campeões, mas os recepcionou no Palácio Laranjeiras.

O Brasil chegou à Copa de 1962, no Chile, com a autoestima em alta, preparado para conquistar o bicampeonato. E conquistou - vencendo a Tchecoslováquia por 3 a 1 na final - sem Pelé, contundido logo no segundo jogo, mas ainda com Garrincha.

Mané Garrincha representava o Brasil, que menos de um mês antes havia levantado a cobiçada Palma de Ouro do Festival de Cannes, com o filme “O Pagador de Promessas”, de Anselmo Duarte. Antes que 1962 chegasse ao fim, o Santos, de Pelé, seria o primeiro time brasileiro a vencer a Copa Intercontinental (chamada de “Mundial de Clubes”), goleando o Benfica, do astro português Eusébio, por 5 a 2, na casa deles.

Na mesma época, o basquetebol do Brasil se mostrava ao mundo: a geração de ouro formada por Amaury Passos, Wlamir Marques, Ubiratan e Rosa Branca conquistou o bicampeonato mundial (1959 e 1963), além das medalhas de bronze nos Jogos Olímpicos de Roma (1960) e Tóquio (1964).

Tudo somado, parecia que em 1962 o complexo de vira-latas havia ficado para trás de uma vez por todas, substituído pelo sentimento de que o país finalmente poderia dar certo - quando na verdade caminhava para dar errado: a renúncia de Jânio Quadros no ano anterior abriu espaço a uma crise política que começou com a resistência dos militares à posse do vice João Goulart e atingiria o ponto máximo com o golpe civil-militar de 31 de março de 1964.

No cenário político, podemos fazer um paralelo, assim como Pelé desfalcou a equipe no mundial, o Brasil também se viu desfalcado de Jânio Quadros, cujo governo resumiu-se a oito meses de iniciativas políticas e econômicas contraditórias que levaram o presidente ao isolamento e à renúncia. Com a crise estabelecida, grupos políticos entraram em ação. Ousaram, mas não conseguiram devido à divisão nas Forças Armadas e à reação popular. Assim como a seleção brasileira de futebol, o Brasil improvisou: adotou o parlamentarismo (de 7 de setembro de 1961 a janeiro de 1963). O país vivia momentos de forte apelo social e de esperanças de implantações

de políticas sociais concretas, tendo a seleção de futebol como modelo das transformações imaginadas.

Figura 7 - João Goulart recebendo a equipe bicampeã do mundo, 1962



Fonte: Iconographia

2.5 DITADURA MILITAR E O APOGEU DO FUTEBOL BRASILEIRO (1964-1985)

Um golpe militar, aplicado em 31 de março de 1964, retirou do poder o até então presidente João Goulart. A tomada, por meio do golpe, não foi aceita passivamente e movimentos populares reagiram contra a intervenção sendo reprimidos com violência, enquanto as forças armadas se instalaram no poder (Brasil Escola, 2009).

O primeiro presidente do Governo Militar, Humberto de Alencar Castelo Branco, além das medidas repressivas, também utilizou do futebol para angariar prestígio. Segundo Almeida e Ribeiro (2014):

A primeira evidência do uso político do futebol ocorreu no dia primeiro de maio de 1964, com receio de intensificar as manifestações contrárias ao golpe recente, o governo Castello Branco (1964 - 1967) determinou uma série de clássicos

regionais em todas as cidades com mais de 50.000 habitantes.
(p. 6)

Apesar de ter sido anunciada como uma intervenção passageira, as forças cívico-militares efetuaram uma ruptura constitucional e tinham o objetivo de formar um novo governo estabelecendo alianças políticas com a União Democrática Nacional (UDN), com militares e principalmente com os principais setores do empresariado.

Para tentar legitimar essa forma de governo, além de utilização do próprio aparato repressor, as ferramentas ideológicas também foram de suma importância na consolidação do regime. Há uma visível consolidação da indústria cultural no período militar, considerando que, de um lado, a censura esteve presente de forma ostensiva, coibindo tudo que era contrário à sua ideologia, e de outro, os incentivos do governo foram cruciais para o desenvolvimento do sistema comunicacional no País. Os esportes, em especial o futebol, se tornaram espaço perfeito para propagar a ideologia e inflar a moral nacional, pois, para governo militar, ficava claro que as manifestações de lazer poderiam servir como propaganda política e ideológica. A ditadura fez um grande investimento na área esportiva, principalmente através de políticas que objetivavam o incentivo e a divulgação da participação brasileira em campeonatos mundiais de futebol e jogos olímpicos. Além disso, na esfera nacional, essa época foi marcada pela construção de estádios e criação do campeonato brasileiro de clubes.

A exposição da seleção antes da Copa do Mundo de 1966 foi intensa. Foram realizadas 52 partidas como preparação para o campeonato, sendo tanto disputadas em vários estados como em outros países. A importância de também levar para outros estados, locais esses que não possuíam futebol forte, era para angariar prestígio junto à população local e era um modo do governo conseguir apoio político nestas regiões. Também era interessante passar uma imagem de normalidade política e desviar o foco das oposições. Os amistosos disputados na Europa serviram bastante para promover o presidente da CBD, João Havelange, que tinha pretensões ao cargo de presidente da FIFA (Agência USP de Notícias, 2015).

A primeira Copa do Mundo disputada sob o regime militar foi a de 1966, na Inglaterra. O apoio do governo de Humberto Castelo Branco à Seleção era público, e o time brasileiro era um dos favoritos à taça.

Na estreia, o último jogo de Pelé e Garrincha juntos pela seleção, o Brasil venceu a Bulgária por 2 a 0, com um gol de cada um deles. Nas duas derrotas

seguintes, eles não estiveram juntos: Pelé não jogou na derrota para a Hungria por 3 a 1 e Garrincha não jogou na derrota, também por 3 a 1, diante de Portugal. O Brasil acabou sendo eliminado ainda na primeira fase.

Na volta após a eliminação na Copa, o selecionado não foi recebido com festejos. As únicas manifestações que existiam eram as de contestação ao regime. A Lei de Segurança já vigorava como reação às revoltas no país. A instalação do regime já refletia na seleção, e comissão técnica e jogadores foram investigados por conta da má atuação na copa de 1966. Além disso, a própria entrada de militares na entidade que gerenciava o futebol brasileiro aumentou. Segundo Marcos Guterman, através de citação de Livia Magalhães (2011):

A derrota e a péssima campanha (a pior do Brasil em Copas do Mundo até hoje) geraram uma crise no futebol nacional. Ao retornar ao país, a seleção foi escoltada pelo Serviço Nacional de Informações (SNI) no desembarque. A derrota foi levada tão a sério pelo regime que foi organizada uma Comissão para investigá-la; tudo seria feito para impedir um novo fracasso. Anos depois, alguns jogadores e parte da comissão técnica assumiram ter sofrido pressões externas à delegação durante o campeonato. Feola disse que a decisão de alterar a escalação do time contra Portugal não foi sua, mas de terceiros. Havelange sentiu a pressão oficial, e a partir de então a CBD se moldava cada vez mais no estilo militar, o que ficou conhecido como a militarização da CBD e da delegação. As devidas providências foram tomadas pensando na próxima Copa, em 1970, no México. (p. 3)

Com o passar dos anos, o Ato Institucional nº 5, de 1968, suspendia os direitos civis e a censura era estabelecida. Em 1969, com o afastamento do então presidente Artur da Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici assumiu e os planos de atrelar a imagem da presidência da república ao futebol seguiram. Um dos primeiros atos do novo presidente foi assinar a criação da Loteria Esportiva. O governante também passou a comparecer aos eventos esportivos e a se aproximar dos jogadores que integravam a seleção brasileira (Agência USP de Notícias, 2014).

Médici, dos presidentes militares, foi o que mais se associou a imagem do futebol. Era comum vê-lo presente nos estádios, onde sempre portava consigo um

rádio. Durante seu governo, foi realizado um torneio em sua homenagem chamado Torneio do Povo, que reunia os clubes mais populares como Flamengo e Corinthians. O objetivo claro era mascarar um pouco a "dureza" do regime e associar sua imagem a um clube popular, conforme escreve Magalhães (2011).

O general era um fanático do esporte, e fazia questão de divulgá-lo, assim como a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), órgão responsável pela propaganda oficial. Para a AERP, o dueto futebol e Médici caiu como uma luva na construção de uma imagem positiva do líder e de sua aproximação com os setores populares. A seleção também seria bastante utilizada, principalmente após a conquista do tricampeonato, quando associou-se a vitória em campo com o próprio modelo de país. (p. 3)

No ano de 1969, após a edição do AI-5, o técnico escolhido para comandar a seleção foi o jornalista e ex-técnico do Botafogo João Saldanha para eliminatória e para a Copa do Mundo de 1970. Saldanha era conhecidamente militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), o que provocava desconforto nos setores da direita. Saldanha montou um excelente time nas eliminatórias e conquistou grandes resultados, conseguindo classificar a seleção com relativa facilidade para a Copa do Mundo de 1970. O técnico foi demitido quando faltavam três meses para o início da competição. É de causar estranheza que alguém assumidamente comunista assumisse a seleção brasileira, time que representava os interesses militares, mas segundo o escritor Carlos Ferreira Vilarinho, autor do livro "Quem Derrubou João Saldanha" (2010), apesar da contratação para ser técnico, o plano da ditadura era "fritá-lo" no cargo. Ele era uma figura extremamente popular e adorada pelo povo, e costumava sempre fazer críticas sobre ditadura e contra a CBD.

Saldanha era crítico ao envolvimento do governo em seu cargo. Conforme relatado por Vilarinho (2010), em março de 1970, o treinador foi questionado por um repórter sobre o pedido do general Médici para convocar o atacante Dario, o Dadá Maravilha, do Atlético Mineiro. Saldanha respondeu: "Ele [Médici] escala o ministério, eu convoco a seleção". Também é atribuído a Saldanha críticas feitas a Pelé. O técnico dizia que Pelé estava com problemas de visão, e essas declarações geraram um grande desgaste à frente da seleção, já que Pelé era o principal jogador da seleção

e garoto propaganda do regime. Duas semanas depois de sua resposta sobre a convocação de Dario, Saldanha foi demitido da seleção e deu lugar a Zagallo.

Ainda sobre o técnico, Rubim Aquino (2002) relata:

Comentou-se, na época, que a verdadeira razão da demissão de Saldanha, na noite de 17 de março, prendeu-se a questões políticas. Dizia-se, à boca pequena, que Saldanha levava ao exterior documentos denunciando a ocorrência de prisões arbitrárias, torturas e assassinatos de presos políticos. Violências essas que a ditadura sempre negou. Em seu lugar foi escolhido Mário Jorge Lobo Zagallo, após recusas dos treinadores Oto Glória e Dino Sani. (p. 91)

Ao regime era fundamental que a seleção conquistasse o título. A ditadura tinha a certeza que a Copa do mundo traria legitimidade diante da sociedade brasileira. O que ajuda e muito a esse prognóstico era o milagre econômico que ocorria no Brasil. O país chegou a crescer até 13% ao ano (BBC Brasil, 2018). Houve um aumento do poder de compra através da abertura de linhas de crédito e de financiamento, esse aumento possibilitou a aquisição de televisores, já que pela primeira vez a copa iria ser transmitida ao vivo.

Sobre a intervenção militar na seleção, se fez necessária, segundo os militares, por conta do péssimo desempenho na Copa de 1966, que ficou marcada pela falta de organização na preparação do time, conforme pontua Everton Caetano (2015). O jogo solto, típico brasileiro, pareceu ineficiente diante do futebol de força dos europeus. A mudança já se tornou visível nos cortes de cabelo dos jogadores, cabelo bem aparados, barbas feitas, em claro estilo militar. Na delegação e na preparação também se refletiu quando a chefia da delegação fora toda entregue para militares, como Carlos Alberto Parreira, na época Capitão do Exército. Caberia a toda essa comissão formada por militares, além da preparação física, a função de disciplinar os jogadores.

A seleção brasileira foi campeã em 1970. Era a mistura da habilidade de seus jogadores, mas também a excelente preparação física imposta pelos militares, a equipe teve um desempenho excelente dentro de campo. E muito bem capitalizado pelo regime. O jogador de talento espontâneo cedia espaço ao atleta-soldado, e estava sujeito aos mesmos mecanismos repressores e disciplinadores, da mesma forma que a nação era submetida na ditadura. Conforme escreve Aquino (2002):

Foi uma festa. Não somente no México, como também no Brasil, apesar da ditadura. Ainda que as prisões, torturas e assassinatos de presos políticos atingissem um elevado grau de violência, as emissoras de rádio não paravam de tocar a música 'Pra frente Brasil'. (p. 94)

Figura 8 - Carlos Alberto Torres, capitão da Seleção, com o presidente Médici, erguendo a Taça Jules Rimet após a conquista do Tricampeonato, 1970



Fonte: Veja

A propaganda ao regime se confundia com o sucesso da seleção. Na semana da pátria o lema era "Ninguém segura esse país". Cartazes com a bandeira do país tinham os dizeres "Brasil, ame-o ou deixe-o". A conquista da Copa de 1970 ajudou a aumentar popularidade de Médici, que conquistava a população também pelo proclamado Milagre Econômico. Médici capitalizou politicamente a vitória de 70. Para Magalhães (2011):

Os militares não deixaram de se beneficiar com a vitória esportiva. A própria marchinha que se tornou símbolo da vitória era uma associação entre o país e a seleção. O futebol era um elemento que permitia ao regime promover as supostas uniões nacional e diversidade, em um espaço que não passava pelo setor político. Os responsáveis pela Agência

Especial de Relações Públicas (AERP), incumbida da propaganda do regime, não tiveram dificuldades para convencer as autoridades sobre a importância do momento, nem de usá-lo a favor do governo. Não foram poucos os políticos que perceberam a popularidade da seleção e procuraram também tirar proveito da situação apoiando o discurso oficial e posando ao lado dos jogadores na grande recepção feita por Médici em Brasília. (p. 6)

Seguindo a mesma linha do projeto de integração nacional, a CBD passou a organizar o campeonato brasileiro de 1971. Dentro dessa crescente do futebol brasileiro, a conquista do tricampeonato teve um papel fundamental. É neste momento que o regime militar expande, em benefício próprio, os resultados do futebol em sua própria máquina de propaganda. Embalados pelo sucesso da seleção e pelo grande apoio popular na conquista da Copa, políticos e dirigentes visavam à organização de um campeonato de futebol nacional que pudesse contemplar todas as regiões do Brasil. Esse plano de ter times de diversas regiões do país ia na mesma linha do plano de integração nacional, que visava criar uma unidade maior entre as diferentes regiões do Brasil, e também estimular o crescimento de áreas antes isoladas e esquecidas. E, assim como a aplicação de políticas desenvolvimentistas, o futebol também faz parte desse processo. Era um período de expansão da fronteira agrícola, da construção da rodovia Transamazônica, por exemplo. A construção desse campeonato servia para confirmar esse processo. O governo viabilizou o torneio através do Ministério da Cultura, com ajuda financeira. A maior questão para viabilizar a competição, na época, era quanto aos custos das viagens, pois apesar da aviação civil já estar consolidada nesse período, era altamente custosa por conta das dimensões continentais do país. E o poder público passou a custear esses traslados e as estadias (Trivela, 2014).

É interessante ressaltar que, durante este período, muitas pessoas ligadas ao futebol participaram das eleições, utilizando a popularidade conferida pelo esporte. A política passou a ter influência direta no crescimento da competição, já que o campeonato inchava cada vez mais com a entrada de clubes sem nenhuma tradição no futebol.

Esse inchaço na competição, em 1974, foi por conta dos péssimos resultados das eleições da ARENA (partido da base do governo). Onde o partido ia mal os

militares convidavam um time dessas mesmas regiões a ingressarem no campeonato. 'Onde a ARENA vai mal, um time no nacional'. O lema tomou conta do Campeonato Brasileiro a partir de 1974, quando a derrota da ARENA nas eleições fez com que o governo Geisel iniciasse uma prática clientelista através do futebol, integrando nacionalmente as cidades através da inclusão de clubes na competição nacional. De 42 times em 1975, o Brasileirão saltou para 94 participantes em 1979. Daniel Santos (2012) afirma que:

O projeto de integração nacional através do futebol, iniciado na gestão de João Havelange foi instrumentalizado de forma acintosa por seu sucessor na CBD. Se Geisel garantiu a manutenção do projeto de abertura idealizado no início de seu governo, em 1978 a gestão de Heleno Nunes é contestada nos principais centros do país. Diferentemente do general-presidente, o almirante-dirigente enfrentava dificuldades para consolidar seu projeto de interiorização do futebol. (p. 135)

O crescimento da competição veio junto com a crise econômica. Em 1974, era caracterizada pela alta dos preços do petróleo no mercado mundial. Retornavam a inflação e o endividamento externo, mostrando assim os limites do milagre e começando a dar os primeiros sinais do desgaste do regime ditatorial.

Em meio a crise econômica e em busca de apoio político, a seleção continuou militarizada. Praticava um futebol sofrível e nada parecido com as apresentações de 70, onde foi coroada campeã. A seleção, na Copa de 1974, já não contava com Pelé, que tinha se aposentado e já não mostrava o mesmo futebol de 70. A equipe era pouco organizada, sem brilho e sem motivação, assim como o país também se mostrava. A campanha na copa desapontou a todos, principalmente aos setores governistas. O descontentamento ressurgia e o futebol não conseguia mais mascarar todos os problemas que o país passava.

O clima no país era instável. Partidos políticos de esquerda, movimentos dos trabalhadores, movimentos estudantis, entre outros, fizeram grande oposição ao regime ditatorial. Mesmo o clima nacionalista da Copa do Mundo não serviu para mascarar o endurecimento do regime, dando uma falsa ideia de tranquilidade. Isso talvez fosse o "ópio do povo" servindo aos interesses do governo. Para Da Matta, através de citação de Lira Neto (2012):

No caso do futebol e no caso da sociedade brasileira, postula-se frequentemente uma relação de mistificação entre os dois termos. O futebol é um ópio da sociedade brasileira, do mesmo modo que o domínio econômico é sua base. Como se futebol e economia fossem realidade exógenas, que pudessem existir em isolamento na sociedade. Deste ângulo, o futebol é visto como um modo de desviar a atenção do povo brasileiro de outros problemas mais básicos. (p. 27)

No campo futebolístico, apesar de poucas, houve manifestações mais pontuais no início do regime e, conforme o tempo passava e a contestação aumentava, cresciam dentro de campo.

Reinaldo, craque do Atlético Mineiro, explodiu quando a abertura lenta e gradual da ditadura brasileira iniciava. As liberdades começavam a ressurgir na sociedade, enquanto o futebol se tornava mais midiático. O jogador, em suas comemorações de gols, tinha o costume de erguer o punho direito, fazendo alusão ao movimento dos Panteras Negras americanos (El País, 2018), que lutavam por democracia e contra o regime segregacionista nos Estados Unidos.

Segundo Reinaldo, em uma entrevista a revista Placar (Super Esportes, 2019), publicada em julho de 1981, o gesto era necessário para mostrar resistência ao regime militar e acelerar o processo democrático. O mesmo era ciente que o futebol sempre foi um meio reacionário. Em 1977, Reinaldo era um dos principais jogadores em atividade do país e sua convocação para a Copa de 1978 era praticamente certa. Os militares não o queriam no torneio, mas o apelo nacional foi mais forte e Reinaldo foi convocado. Mas ainda assim era vigiado de perto. Ele perdeu a posição de titular a partir do terceiro jogo, fato que o atacante credits a sua comemoração após um gol no jogo de estreia, em que fez seu gesto característico de protesto, sendo que a competição estava sendo disputada na Argentina, que vivia o auge da ditadura.

Conforme escreve Euclides Couto (2010):

Conhecedor das questões políticas que naquele momento envolviam tanto o Brasil quanto a Argentina, Reinaldo mantinha-se firme em suas convicções. No bojo dos acontecimentos, tanto a imprensa brasileira como os militares temiam que o jogador pudesse utilizar a visibilidade da Copa

do Mundo para expor seu gesto de protesto, muito conhecido nos gramados brasileiros. (p. 13-14)

Figura 9 - Reinaldo, com o punho cerrado ao ar



Fonte: Estadão

A seleção acabou ficando fora da grande final por conta do critério de desempate. Criando uma grande suspeita de manipulação de resultados, acreditando que as pressões militares e políticas teriam entrado nos vestiários peruanos e em campo para garantir a vitória da ditadura local (Lance!, 2018).

A ditadura, no fim dos anos 70 e início dos anos 80, já dava claros sinais de desgaste. Os militares estavam sucumbindo ao crescimento dos movimentos populares. Aos poucos, as ruas foram tomadas por protestos que cobravam eleições diretas e o fim da ditadura. Era o crescimento de uma resistência popular que nunca cessou mesmo nos anos mais duros do regime militar.

Os anos seguintes foram cercados de movimentações políticas e um enfraquecimento crescente do regime militar, tanto que os próprios clubes que disputavam campeonatos nacionais começavam a ceder jogadores para times estrangeiros em grande escala e sofriam constantes pressões de dirigentes e governantes buscando apoio a qualquer custo. A situação chegava ao limite, e o futebol não conseguia mais servir de reforço ao poder militar. Ao contrário, ele estava antecipando as fissuras que se abriam na ditadura. Era o reflexo da crise política no futebol. A CBD, que era vinculada ao governo, deixa de existir e em seu lugar é criada a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que passa a ser uma entidade privada e tratar de assuntos exclusivos sobre o esporte em questão.

Sobre a insatisfação popular, reflexos surgiram nos estádios, através das torcidas dos clubes e através de mais jogadores militantes e conscientes politicamente, a se posicionarem favoráveis ao fim da ditadura e a realização de eleições diretas. Ribeiro e Almeida (2014) afirmam que, com a vitória do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) nas eleições de 1976 e 1978, o mundo do futebol também entrou no clima de contestação.

Nos anos 80 podem ser observadas diversas manifestações políticas nos estádios, refletindo os anseios da sociedade. O movimento mais famoso do futebol brasileiro durante a ditadura não resultou em mudanças diretas na sociedade nem mesmo entre os clubes de futebol, mas serviu de grande exemplo de como o fim do regime se aproximava. O Parque São Jorge reunia jogadores engajados politicamente, como Casagrande, Wladimir e, principalmente, Sócrates, ao lado do diretor de futebol e sociólogo Adílson Monteiro Alves. Segundo Guterman, através de citação de Marcelo Castilho (2010):

A parte de todo o mar autoritário que havia à época, onde não havia eleições diretas para presidência da República, o Corinthians tornava-se uma ilha de democracia liderada por Sócrates, Casagrande e Wladimir, chegando ao posto de sócios beneméritos e conselheiros do clube, tendo direito a voto para presidência da entidade. (CASTILHO, 2010, p. 62)

Os jogadores corinthianos eram convidados a participar de decisões que até então eram monopolizadas. Assuntos como concentração, contratação de novos jogadores, escolha de técnicos passavam pelo voto de todos os integrantes do clube, com peso de voto igual para todos. Era a "Democracia Corinthiana", instalada em 1981, um ano antes das eleições diretas para os governos estaduais e para o congresso Nacional. Embora inibido pelos militares, o time entrava em campo com camisas incentivando o voto nas eleições legislativas. Para André Xavier Silva (2011):

Este contexto organizado no início da década de 1980 dentro de um clube popular foi, em momento crucial na história do país, um fato marcante, uma vez que os jogadores entravam em campo com faixas, cartazes e dizeres na camisa do time como: "diretas já", "eu quero votar para presidente", esta manifestação correspondeu à necessidade de articulação por

luta pela democracia já que a organização social, política e econômica atende a bipolarização do mundo expressa pela Guerra Fria e, no caso específico do Corinthians, há uma consciência de classe manifestada sobretudo por jogadores como Sócrates e Wladimir, principais articuladores deste movimento. (p.45)

Sobre a crise econômica, na chamada década perdida dos anos 80, a esperança do governo com o futebol, Lira Neto (2012) comenta:

[...] o futebol pode ser utilizado como 'ópio do povo' não significa culpa-lo por problemas sociais quaisquer, mas significa, pelo contrário, que são os problemas sociais que tornam necessária a existência de algo que proporcione ânimo, alegrias a uma existência sofrida - o que pode ser conseguido por meio do futebol (p. 29-30)

Nas arquibancadas, a vontade popular podia ser vista e ouvida através das manifestações pró-democracia. Um pouco antes, em 1979, a partida entre Santos e Corinthians ficou marcada por ter sido erguida uma faixa pedindo "anistia ampla, geral e irrestrita". Isso mostrou o quanto já estavam popularizadas as manifestações, e serviu para acelerar o processo de anistia.

No Rio de Janeiro, em 1984, 128 mil torcedores lotaram as arquibancadas do Maracanã para a final do Campeonato Brasileiro, entre Fluminense e Vasco. O hino nacional tocado antes da partida não pôde ser ouvido diante do coro feito pelas duas torcidas juntas pedindo eleições diretas.

Essas manifestações mostram que o espaço futebolístico não é composto somente de alienação, mas que possui também espaços de crítica, conforme Juca Kfoury, através de citação de Lira Neto (2012):

Foi num campo de futebol que se abriu, pela primeira vez, na História, uma faixa pela anistia aos presos políticos brasileiros; foi no Morumbi, com cem mil pessoas, num jogo entre Corinthians e Santos. E por que, num campo de futebol com cem mil pessoas? Porque não dava para a polícia chegar lá em cima, e prender todo mundo; quando a polícia chegou, a faixa já havia desaparecido. Foi num campo de futebol, no

Estádio Nacional de Santiago, na primeira partida depois que o estádio foi liberado, após servir de prisão por dois anos e meio, no Estádio onde morreram patriotas chilenos e brasileiros, que houve um apagão, a primeira manifestação por liberdade, durante a ditadura Pinochet. Quando as pessoas se deram conta, estava tudo apagado, e começou um canto: "libertad, libertad, libertad". Havia sessenta mil pessoas no jogo entre o Universidad Católica e o Colo Colo, e seria impossível colocar sessenta mil pessoas dentro de camburões. (p. 31-32)

Figura 10 - Faixa pedindo 'Anistia ampla, geral e irrestrita' exibida em partida entre Corinthians e Santos, 1979



Fonte: ESPN

O futebol muitas vezes anda ao lado da sociedade. Esse clima de democratização no país também se refletia na seleção brasileira, que disputaria a Copa do Mundo de 1982. O comando técnico voltava a ser de um civil e Telê Santana foi o escolhido.

O líder da democracia corinthiana, Sócrates, ostentava a faixa de capitão do time brasileiro. Mesmo apresentando um futebol vistoso e considerado o melhor do mundo, a seleção não conseguiu conquistar o título mundial. Se não conseguiu levantar a taça de campeão, Sócrates pode ajudar a levantar o povo pelas diretas. Sócrates, Wladimir e Casagrande participaram de diversos shows e comícios que tinham como tema as "Diretas Já!". Da mesma forma que o futebol, essa possibilidade de transição política para democracia incentivava o povo a ir para as ruas protestar,

tendo como inspiração a possibilidade concreta de mudanças para a população. Lira Neto (2012) menciona que o futebol é o esporte mais enraizado em nossa cultura, e mostra-se compatível com as características dos brasileiros, o que torna possível dizer que a nossa sociedade se expresse pelo esporte.

Figura 11 - Sócrates participando de ato pelas Diretas, 1984



Fonte: Folha de S. Paulo

Porém, a movimentação política que encantou e levou às pessoas as ruas, não conseguiu vencer, assim como a seleção de 82. A câmara não aprovou as modificações nas regras eleitorais, e as eleições para presidente se dariam de maneira indireta. O mais importante foi mostrar a força do povo na rua, mas não tardou para que as vontades populares sem tornassem realidade.

De qualquer forma, serviu para mostrar que o futebol também ajuda a motivar a população a lutar por seus direitos, e não apenas passar a ideia de ser um espaço que serve apenas para servir de circo ao povo.

2.6 PÓS-DITADURA E PERÍODO DEMOCRÁTICO (1985-2014)

1985 marca o período na história brasileira conhecido como Nova República, com eleição indireta de Tancredo Neves para presidente. O vice de Tancredo, José Sarney, era ligado ao regime militar. Até pouco tempo antes, era presidente da ARENA, partido de sustentação da ditadura, e do PDS, herdeiro daquela legenda.

Problemas de saúde impediram Tancredo de tomar posse, o que foi feito por Sarney. Semanas depois, com a morte do presidente eleito, Sarney foi confirmado no cargo. Foi uma saída política para evitar que novas eleições fossem marcadas. Havia o temor de uma crise política e de um possível retorno dos militares. A “Nova” República nasceu sob o signo do velho, de um ex-colaborador do regime militar, que construiu sua carreira à sombra da ditadura.

Após o governo Sarney, em 1989, o Brasil elegeu seu primeiro presidente pelo voto direto depois de quase 30 anos, Fernando Collor de Mello.

A história de Fernando Collor é intimamente relacionada com o futebol. O político de Alagoas, em 1973, assumiu a presidência da equipe Centro Sportivo Alagoano, conhecida pela sigla CSA. O jovem Fernando tinha apenas 24 anos e seu mandato no clube de Maceió marcou o pontapé inicial de uma carreira política que culminou com a vitória na disputa presidencial de 1989. Collor foi o primeiro e único presidente do Brasil que começou a carreira pública como presidente de um clube de futebol.

Figura 12 - Fernando Collor, presidente do CSA de Alagoas



Fonte: Ludopédio

A revista Placar realizou em 1990 uma matéria com o balanço da passagem de Fernando Collor pela equipe. Com o título de “A primeira presidência”, a reportagem do jornalista Warner Oliveira era interessante, mas infelizmente deve ter passado completamente despercebida pelos brasileiros. Chegou às bancas no dia 16 de

março, um dia após a posse de Collor no Congresso Nacional e no exato dia do anúncio do confisco das poupanças, promovido pelo presidente.

Conhecido à época apenas como o filho do senador Arnon de Mello e como diretor do jornal Gazeta de Alagoas, uma das empresas da família em Maceió, Fernando Collor não precisou de mais de um mês para percorrer aos 24 anos de idade o caminho entre o Conselho Deliberativo e a presidência do CSA, integrante do terceiro mundo do futebol brasileiro- clube de poucos recursos financeiros, dívida em formação, nenhuma tradição contra grandes times, mas imensa torcida. Nesse cenário que até lembra o Brasil atual, Fernando Collor tornou-se conselheiro no dia 07 de agosto e a 3 de setembro era eleito presidente por aclamação forma que impôs para aceitar o cargo, pois não queria concorrer com outro candidato. Após a incomum subida, assumiu em um sintomático 7 de setembro, data do 60º aniversário do clube. No discurso de posse, a defesa contra as insinuações dos inimigos e frases que hoje soam curiosas: “Não vou fazer política no CSA, mesmo sendo filho de político. Não sou político. Sou um jovem que procura desempenhar suas funções da melhor maneira possível [...] o azul sempre foi minha cor preferida [...] As notícias que dão conta da minha condição de não azulino são falsas. (PLACAR, ed. 1.030, p. 14)

Em agosto de 1974, menos de um ano após assumir a presidência do clube, ele se licenciou do cargo para ajudar a mãe Leda a concorrer ao cargo de deputada federal por Alagoas. Alegou não querer utilizar a influência do cargo para a campanha.

Conforme Alex Bellos escreve em seu livro “Futebol: o Brasil em Campo” (2002):

Em 1973 e 1974 Collor dirigiu o CSA, de Maceió. Collor, cuja família é dona de estação de TV, da rádio e do jornal locais, mais tarde tornou-se prefeito e governador do estado. “Ter sido presidente do CSA foi decisivo para sua carreira”, diz o cientista político alagoano Eduardo magalhães Júnior. “Collor era um homem da elite. O CSA é um time cujos torcedores

são exclusivamente de classe média ou baixa. Era fundamental que ele tivesse alguma afinidade com o povo”. (BELLOS, 2002, p. 258)

A partir de 1974, Fernando Collor e o CSA seguiram caminhos distintos. Collor foi nomeado prefeito de Maceió em 1979, depois eleito deputado federal (1982-1986), governador de Alagoas (1987-89) e presidente do Brasil.

Durante seu mandato presidencial, indicou Zico, um dos maiores nomes do futebol brasileiro e ídolo do Flamengo, para assumir a secretaria de esportes do governo, entre 1990 e 1991. O ex-jogador criou a Lei Zico, que modernizaria a legislação esportiva do país e diminuía o poder dos clubes na relação com os jogadores. Ela desagradou políticos que apoiavam o presidente Collor, e o projeto foi arquivado, o que o motivou a se demitir (Veja, 2018).

A presidência de Collor não foi tão bem sucedida. Sofreu *impeachment*, em dezembro de 1992, perdeu e recuperou os direitos políticos, virou Senador e continua no cenário político até os dias atuais.

É mesmo interessante observar como se inicia uma mudança fundamental com os anos 90. O Brasil é marcado pelo advento do neoliberalismo, pelo processo de *impeachment* contra o Presidente Collor, por vários escândalos de corrupção massiva e pelo plano Real. As ações do Governo Federal começavam a diminuir gradativamente sua interferência na vida cotidiana das entidades do futebol. Reproduzindo o modelo político, econômico e social que começava a se instalar no Brasil na década de 90, com os Presidentes Collor de Mello, Itamar Franco e posteriormente Fernando Henrique Cardoso.

O cenário político dos anos 90 foi figurante para uma nova candidatura do Brasil para sediar a Copa do Mundo de 1994 – sem sucesso. Os Estados Unidos, que concorreram com Brasil e Marrocos pelo direito de abrigar o campeonato, foi o vencedor da disputa.

O Brasil voltou a ser campeão mundial 24 anos depois do tricampeonato. Com um time sólido na marcação e fortalecido por uma dupla de ataque fulminante, com Bebeto e Romário, a Seleção superou a enorme desconfiança que a cercava e, pouco a pouco, ganhou corpo na briga pelo título. Teve grandes momentos, como a vitória de 3 a 2 sobre a Holanda nas quartas de final e a batalha final nos pênaltis contra a

Itália. Em suma, é um Brasil confuso que, com um futebol “pouco brasileiro”, ganha finalmente a quarta copa. Conforme escreve Klaus Zeyringer (2014):

Em julho, enquanto nos EUA e na televisão passava a Copa do Mundo, Fernando Henrique Cardoso iniciou o Plano Real, a nova moeda ligada ao dólar. [...] Tanto para Cardoso quanto para Parreira, modernidade não era uma fórmula mágica, ambos renunciavam a uma via brasileira. (p. 240)

O tetracampeonato foi pano de fundo para a troca presidencial de 1994, onde Itamar Franco deu lugar a Fernando Henrique Cardoso – que havia implementado o Plano Real enquanto Ministro da Fazenda, controlando a inflação no país.

Em 1994, no primeiro governo Fernando Henrique Cardoso, foi criado o Ministério Extraordinário do Esporte, que teve Pelé como Ministro até 1998. Seu principal projeto foi a aprovação da Lei Pelé. O projeto acabava com a lei do passe, que deixava os jogadores livres de seus clubes após o cumprimento de contratos. Ao final do primeiro mandato de FHC, saiu o Ministério, que deixou de existir e se fundiu com o do Turismo.

Em meio à reeleição presidencial de FHC em 1998, o Brasil não se conforma com a derrota na final de Paris para a anfitriã França, na Copa do Mundo. Uma derrota que evidencia de forma até então inusitada o entrelaçamento do futebol com o comércio e com o simbolismo nacional. O papel duvidoso do novo patrocinador da seleção, Nike, na escalação de Ronaldo para a final virou até objeto de uma CPI. O país em vias de consolidação se espelha num futebol “realista” e tão pouco brasileiro, ao mesmo tempo as CPIs do futebol fazem parte de uma recaída na crise irracional e nos escândalos dos anos anteriores. Conforme pontua José Sérgio Leite Lopes (2007):

A decepção com o resultado da final de 1998 acabou desencadeando uma inundação politizada de explicações como consequência de uma história coletiva do futebol que se formara lentamente no pensamento brasileiro. A identidade nacional através do futebol já havia sido consolidada e não estava mais em jogo. [...] A derrota de 1998, a perda nos Jogos Olímpicos logo depois, e as acusações de que o treinador havia lucrado com a participação de certos jogadores no time

levaram a duas comissões de investigação no Congresso Nacional - uma relacionada ao contrato da CBF-Nike e outra com supostos contratos ilegais entre os administradores do futebol brasileiro. (p. 85-86)

Ao mesmo tempo, em 1998, a seleção brasileira é a pioneira na aplicação da nova lógica mercantilista do futebol nacional, transformando a camisa verde-amarela em marca de valor extraordinário. Essa lógica mercantilista e de uma comercialização total, é objeto de reflexões preocupadas com o futuro do futebol brasileiro na sua dimensão cultural e importância simbólica. O “jogo bonito” vira marca dos patrocinadores e deixa de dominar os campos. Essa evolução corresponde à transformação da função simbólica do futebol, que já não une uma nação unificada em diversos planos pela força política. O futebol vira uma das máscaras que projetam uma unidade superficial e com caráter de evento. Esta mudança marca o futebol mundial na década seguinte, que vivencia um pentacampeonato em 2002.

Pouco se esperava e tudo se conseguiu daquela seleção brasileira de 2002. A campanha foi impecável: sete jogos, sete vitórias, contando com grandes nomes, como Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho, o Brasil driblou os resultados ruins das eliminatórias e foi campeão com sobras. Foi a Copa de Ronaldo, o Fenômeno. Recuperado de graves lesões no joelho, o atacante alcançou sua consagração máxima ao ser campeão, artilheiro e craque da seleção vencedora do Mundial. Fez oito gols, dois deles na final, contra a Alemanha, e outro nas semifinais, diante da Turquia.

Figura 13 - Jogador Vampeta dá cambalhotas na rampa do Planalto, em encontro com Fernando Henrique Cardoso, comemorando o título de 2002



Fonte: O Globo

Assim como a vitória em 1994 marcou uma mudança na presidência do país, em 2002, com o pentacampeonato, outra troca presidencial acontece – de Fernando Henrique Cardoso para Luiz Inácio Lula da Silva.

O Governo Lula desempenhou papel importante no campo esportivo. E, de maneira especial, no futebol. Para tanto, houve comprometimento político e empenho governamental – inclusive com a participação do próprio presidente Lula na candidatura do Brasil a sede da Copa do Mundo 2014.

No contexto nacional, o futebol já não possui alta qualidade, as exportações de jogadores cada vez mais jovens impedem a evolução dos times e dos campeonatos, os craques brasileiros globais quase não têm mais ligação substancial com o país. Assim, as copas de 2006 e 2010 são no máximo medíocres, com a torcida decepcionada e – junto com ou instigada pela mídia – sempre à procura de um culpado, de um bode expiatório. É uma evolução estranha e complexa, que culmina de forma ainda mais complicada na copa de 2014, evento quando os sonhos da nação desenvolvida e modernizada se chocaram com os protestos sociais e anticorrupção; quando a dramaturgia da “Copa das Copas” se desfaz na repetição – ou até intensificação – do trauma de 1950, evidenciando ainda mais nitidamente a crise política, social e institucional do país e também a crise profunda do futebol brasileiro como um todo. Mittag e Ebbinghaus (2017), escrevem:

Com a candidatura para sediar a copa, o Brasil também perseguia o objetivo de posicionar o país em termos econômicos e de consolidar internacionalmente a imagem de um ‘poder econômico emergente’ [...]. Os diferentes governos nos anos 1990, depois da volta à democracia, apostaram fortemente na modernização econômica. Na consciência coletiva nacional, sediar a copa de futebol se inseria numa série de sucessos econômicos, como o aumento dos ingressos públicos com os jazimentos de petróleo no litoral, entradas na bolsa com valores de bilhões de Reais, o crescimento do Produto Interno Bruto, mas também a melhora da situação social e a redução da taxa de desemprego. (p. 142)

2.7 SEGUNDA COPA NO BRASIL E VOLTA DA INSTABILIDADE POLÍTICA (2014 - ATUALMENTE)

Em 30 de outubro de 2007 a FIFA ratificou o Brasil como país-sede da Copa do Mundo de 2014, 64 anos depois de receber o mundial em 1950. O anúncio foi feito em meio ao segundo mandato do então presidente Lula, e o evento ocorre no final do primeiro mandato de Dilma Rousseff, sucessora no cargo da presidência.

Dilma Rousseff, então primeira presidente mulher do país, era membro do mesmo partido político de Lula (Partido dos Trabalhadores) e se elegeu para o primeiro mandato em 2010. Desse modo, assumiu os planos de preparação para o mundial de seu antecessor. De todo modo, a segunda edição do Campeonato no Brasil é marcada por pessimismo de grande parte da população, marcado, sobretudo, pela instabilidade política vivida pelo país à época.

A pouco menos de três anos para o início do Mundial, em 2011, o site da revista VEJA recorreu a seus leitores para medir a percepção da torcida sobre 2014. Em uma pesquisa de opinião realizada pelo Departamento de Pesquisa e Inteligência de Mercado da Abril entre os dias 20 e 25 de julho, 1.879 pessoas de todas as regiões do país responderam a doze perguntas a respeito da Copa. Os leitores foram consultados sobre os preparativos do país, sobre o papel do poder público no evento, sobre as sensações provocadas pela realização do torneio e, claro, sobre as chances da seleção brasileira (Veja, 2011).

O cenário desenhado pelos resultados da sondagem é absolutamente desastroso. Em todas as doze questões propostas, a opinião majoritária sempre foi negativa. Ainda mais alarmante para a Fifa, a CBF e o governo – os responsáveis pela escolha do país como sede, pela organização da Copa e pela realização das principais obras – é a dimensão desse pessimismo. Em nenhuma questão incluída na pesquisa há equilíbrio entre as respostas positivas e negativas. As piores opções possíveis foram assinaladas por uma sólida maioria dos participantes da sondagem. As amplas margens que separam os percentuais favoráveis e desfavoráveis do levantamento não deixam dúvidas: a Copa do Mundo de 2014 não empolgava nem cativava o torcedor, despertava temores sobre a imagem do brasileiro no exterior e provocava insatisfação por causa do gasto excessivo e pouco inteligente de dinheiro público nas obras.

Um dos principais argumentos dos defensores dos benefícios da realização da Copa do Mundo no Brasil era a oportunidade rara de mostrar as virtudes do país ao resto do mundo. Em alta no cenário econômico e com relevância crescente na comunidade internacional, o Brasil poderia aproveitar o Mundial para se reinventar diante das outras nações, deixando para trás sua velha imagem do país de um futuro que nunca chega. Para 78% dos participantes da pesquisa, porém, os torcedores que viriam ao país em 2014 voltariam para casa com uma percepção ruim do Brasil. Só duas entre cada dez pessoas acreditavam que a imagem geral da Copa do Mundo seria positiva. Ainda segundo a pesquisa, a convicção geral é de que haveria desvio de dinheiro público, superfaturamento de obras, troca de favores entre os envolvidos na organização e desperdício de recursos. O termo “corrupção” foi citado por sete entre cada dez pessoas para definir a Copa do Mundo no Brasil. Talvez por isso mesmo, o segundo termo mais citado foi outro que carrega sentido muito negativo: “decepção”, para 12% dos participantes da pesquisa, seria a palavra do Mundial.

Este sentimento de insatisfação da população brasileira se fez presente nas Jornadas de Junho de 2013. Diversas manifestações populares por todo o país que inicialmente surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público principalmente nas capitais.

Inicialmente restrito a poucos milhares de participantes, os atos pela redução das passagens nos transportes públicos ganharam grande apoio popular em meados de junho. Em seu ápice, milhões de brasileiros estavam nas ruas protestando não apenas pela redução das tarifas, mas também por uma grande variedade de temas como os gastos públicos em grandes eventos esportivos internacionais, a má qualidade dos serviços públicos e a indignação com a corrupção política em geral. Os gastos públicos com a Copa das Confederações em 2013 e a Copa do Mundo FIFA de 2014 foram alvos de boa parte dos protestos, com ativistas pedindo a criação de CPIs para verificar as despesas com os eventos e possíveis superfaturamentos (Folha de S. Paulo, 2014).

O futebol é um dos principais pontos de discussão dos protestos. Manifestantes circulavam com cartazes como "FIFA, paga minha tarifa" e entoavam bordões como "Ei, Brasil vamos acordar: um professor vale mais do que o Neymar", fazendo alusão ao camisa 10 e jogador mais importante da seleção brasileira na época. Outros cartazes incluíam "Queremos hospitais padrão FIFA" e "Da Copa eu abro mão, quero é investimento em saúde e educação".

Figura 14 – Cartaz com a frase “Quantas escolas valem um Maracanã?” em protesto de junho de 2013



Fonte: G1

Para abrir a Copa das Confederações de 2013 - torneio preliminar à Copa do Mundo que acontece um ano antes no país sede - no dia 15 de junho, Joseph Blatter, presidente da Fifa, e Dilma Rousseff fizeram um discurso, mas foram vaiados quando tiveram seus nomes mencionados. Sobre as vaias, o ministro da educação Aloizio Mercadante disse dois dias após a partida, citando Nelson Rodrigues, que "futebol e política não se misturam, e que o Maracanã em dia de jogo vaia até minuto de silêncio" (G1, 2013).

No dia 19 de junho, Pelé declarou, em vídeo gravado para a TV Globo e divulgado na internet, que os brasileiros deveriam deixar de lado as manifestações e apoiar a seleção (UOL, 2013). Ao invés de acalmar, gerou mais indignação. Ronaldo foi outro alvo de críticas pelos manifestantes após uma declaração sua de 2011 ser lembrada na internet, onde ele dizia que "não se faz Copa com hospital" (Terra, 2011).

Por conta da repercussão negativa, a presidente Dilma decidiu não comparecer à final do campeonato, no dia 30, para entregar a taça, fazendo a FIFA considerar o ato desrespeitoso. A informação era oficial na noite do dia 28, apesar de que inicialmente a presidente tinha pretendido comparecer. A queda de popularidade e os protestos na rua a fizeram mudar de ideia (O Globo, 2013).

O sentimento popular de revolta contra o governo, sobretudo em relação à corrupção, marcou o período e o governo Dilma, caminhando juntos para a realização da Copa do Mundo em 2014. Isto impactou no apoio à seleção, que não era tão evidente quanto nas edições anteriores do campeonato.

No jogo de abertura da Copa do Mundo, a presidente Dilma Rousseff foi novamente hostilizada pela torcida. Xingamentos contra a presidente foram ouvidos em dois momentos antes da partida: após a chegada de Dilma ao estádio e após a execução do hino nacional, já a poucos minutos do início do jogo. No segundo tempo, Dilma foi hostilizada mais duas vezes (G1, 2014).

A presidente publicou um artigo no Blog do Planalto dias após o jogo afirmando que, “por representar nossa nacionalidade, a seleção brasileira está acima de governos, de partidos e de interesses de qualquer grupo” (Jovem Pan, 2014). Os protestos não cessaram, e continuam a acontecer durante a competição.

Em campo, a seleção estrelada por Neymar se classificou na fase de grupos, e eliminou Chile e Colômbia nas oitavas e quartas-de-final, respectivamente. De todo modo, o principal nome da equipe se machucou neste último confronto, ficando de fora do jogo da semifinal. O próximo jogo, contra a Alemanha, ficou marcado pela goleada sofrida pelo Brasil, por 7x1. Um vexame histórico protagonizado pela seleção em seu próprio território que sintetiza como politicamente e esportivamente, a Copa do Mundo de 2014 foi desastrosa para a gestão.

Em outubro de 2014, Dilma Rousseff é reeleita para um segundo mandato presidencial, com 51,6% dos votos válidos, a campanha mais acirrada desde a eleição de 1989, apesar de diversos protestos populares contra sua gestão.

As manifestações populares, iniciadas em 2013, se estenderam contra o governo Dilma Rousseff no contexto da crise político-econômica da gestão iniciada em 2014, tendo como principais objetivos protestar contra o governo da presidente e defender a Operação Lava Jato, orquestrada pela Polícia Federal visando apurar um esquema de lavagem de dinheiro que movimentou bilhões de reais em propina.

Uma marca dos protestos é o uso da camisa da seleção brasileira juntamente com outros adereços com as cores do país. A camisa de futebol da CBF se torna, assim, vestimenta das manifestações.

Figura 15 – Camisa da seleção brasileira é ícone de protestos contra governo Dilma, 2016



Fonte: Agência Brasil

A forte reprovação popular contra a presidente, através de carreatas ocorridas em todas as regiões do país, sobretudo em 2016, levaram mais de três milhões de pessoas às ruas para demandar o fim da corrupção e a saída da presidente de seu cargo. O protesto de 13 de março constituiu-se na maior manifestação popular da história do país (O Globo, 2016).

Em 2 de dezembro de 2015, o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, acolheu um dos pedidos de *impeachment* contra Dilma. No dia 31 de agosto de 2016, com 61 votos favoráveis e 20 contrários, o Senado Federal aprovou o pedido de *impeachment* e afastou definitivamente a presidente do cargo. Em seu lugar, Michel Temer, então vice-presidente, ocupou a cargo até 2018, final do mandato.

Nas eleições de 2018, Jair Messias Bolsonaro foi eleito para o cargo de Presidente do Brasil.

2.7.1 ANÁLISE DE PRÁTICAS DO GOVERNO BOLSONARO

A imagem midiática construída, principalmente nas redes sociais, de Jair Bolsonaro é a de que ele é o que carrega em seu nome de batismo, um 'Messias'. Foram 27 anos de congresso nacional como deputado federal, por sete diferentes partidos (PDC, PP, PPR, PTB, PFL, PSC e PSL), em um total de sete mandatos, entre 1991 e 2018. Talvez não todo este período com a pretensão de chegar à presidência da república. Porém, com o crescimento do incômodo aos governos anteriores, e espaço se abrindo para o populismo, foram necessários alguns poucos anos de campanha, e na primeira candidatura conseguiu chegar ao cargo máximo do poder executivo, apostando em ideias conservadoras em um cenário de muita polarização e culpabilização da esquerda, que ficou no poder por 13 anos (entre janeiro de 2003 e agosto de 2016), para as mazelas sociais do Brasil.

Bolsonaro foi eleito no segundo turno das eleições de 2018, com 55,13% dos votos válidos. O ex-deputado federal se baseou em um discurso de extrema direita e acintosamente contra a estrutura de governo proposta e aplicada por Lula e Dilma nos governos antecessores para alcançar popularidade.

O populismo citado é um dos pilares do governo Bolsonaro para garantir aceitação e popularidade, sobretudo utilizando o futebol como instrumento para este fim. Para se fazer valer do populismo, não se importando com a contradição, o presidente foi fotografado com a camisa de diferentes times, todos eles de grande torcida, durante a campanha e continua a utilizar o esporte da massa, movendo o imaginário. Edgar Morin (2002) afirma:

É através dos espetáculos que seus conteúdos imaginários se manifestam. Em outras palavras, é por meio do estético que se estabelece a relação de consumo imaginário. A participação estética se diferencia das participações práticas, técnicas, religiosas, etc. (p. 77)

O que Morin (2002) atesta complementa a ideia de que as imagens atreladas aos indivíduos não necessariamente condizem com o que acontece na prática, no cotidiano. De que não é porque se veste uma roupa que se segue o que nela está propagado. Nascido em São Paulo, Bolsonaro fez carreira política representando o

Rio de Janeiro e, por isto, afirmou torcer para dois times: Palmeiras e Botafogo (O Globo, 2019).

Mas não parou por aí no que tange vestir camisas de diversos outros clubes do país. Fez aparições com camisas de clubes das regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste, todas com ao menos um clube na primeira divisão do Campeonato Brasileiro, que consideravelmente recebe mais investimentos do que as divisões inferiores e é onde estão os clubes de maior torcida. Faltou apenas a região Norte, que teve um clube na série A pela última vez em 2005. Segundo informações obtidas via Lei de Acesso à Informação, divulgadas pelo jornal O Globo, Bolsonaro já foi presenteado com 38 uniformes de clubes e seleções desde o início do mandato (O Globo, 2019).

Figura 16 – Compilação de fotos com Bolsonaro vestindo diversas camisas de clubes brasileiros



Fonte: Diário Olé, da Argentina

Roupa na vida associada é comunicação. Não por acaso os parlamentares aparecem, na maioria das situações que têm suas imagens veiculadas, trajados de terno e gravata. Isto incide na memória dos indivíduos, assim como na memória coletiva. Conforme Peter Stallybrass (2012) aponta:

A roupa tende, pois, a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. (p. 14)

Desse modo, pode haver identificação para alguns torcedores, mesmo com o fato de usar camisas das mais diversas agremiações, posando para fotografias ou fazendo vídeos, seja em estádios ou parabenizando por títulos. Ou seja, não há relação de afeto com os clubes. Esta foi uma das estratégias para mexer com emoções de quem já estava pendendo para lhe conceder voto, e para aficionados por futebol que estivessem em dúvidas sobre candidatos.

Morin (2002) atesta que a partir do século XX, com a cultura de massa, o lazer se sobrepõe a ética do trabalho e juntamente com outras éticas vacilantes, ganha corpo e se estrutura na massa.

Ela orienta a busca da saúde individual durante o lazer e, ainda mais, ela cultua o lazer que se torna o estilo de vida.
(MORIN, 2002, p. 69)

O futebol é, inclusive, utilizado por Bolsonaro como uma ferramenta para amenizar possíveis polêmicas em seu mandato como presidente. Conforme aponta o sociólogo da FGV Bernardo Buarque de Hollanda, pesquisador do futebol e das torcidas organizadas, em entrevista para o jornal O Globo, a ida de Bolsonaro a uma partida do Flamengo, contra o CSA de Alagoas, em junho de 2019, deixou explícita a estratégia política associada ao esporte. Conforme avaliação de Buarque: “Há um movimento do Bolsonaro para tentar reforçar a imagem como um homem “do povo”, que tem gostos comuns. E as idas a estádios têm também um cálculo estratégico, de uma reserva de popularidade, no início do mandato, que pode ser explorada e associada ao futebol” (O Globo, 2019).

Em meio ao vazamento de mensagens trocadas entre Sérgio Moro, então Ministro da Justiça, e o procurador da República Deltan Dallagnol, coordenador da força-tarefa da Operação Lava Jato em Curitiba, à respeito de investigação da força-tarefa da operação sobre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, revelados pelo site Intercept (The Intercept Brasil, 2019), Bolsonaro e o Ministro estiveram presentes nas tribunas do estádio Mané Garrincha, em Brasília, para acompanhar a partida. Ambos foram ovacionados e desta vez ao invés de estar com a camisa do clube carioca ou ter levado uma, os próprios torcedores lhe deram uma que, prontamente vestiu. Moro fez o mesmo.

Figura 17 – Jair Bolsonaro e Ministro da Justiça, Sérgio Moro, em jogo do Flamengo contra o CSA, 2019



Fonte: Veja

Roland Barthes (2009) discorre sobre o valor que a imagem tem para políticos, seja em período de eleições ou no poder.

A fotografia supõe uma cumplicidade: a foto é um espelho; ela oferece o familiar, o conhecido, propõe ao eleitor a sua própria efígie, clarificada, magnificada, imponentemente elevada à condição de tipo. É, aliás, essa ampliação em termos de valores que define exatamente a fotogenia: ela exprime o eleitor e, simultaneamente, transforma-o num herói. (p. 162)

Dessa forma, Bolsonaro pode utilizar a popularidade do futebol para alavancar sua popularidade. Outro exemplo é na comemoração do título do Campeonato Brasileiro de 2018, pelo Palmeiras.

Já eleito para o mandato que se iniciaria em 2019, o presidente assistiu a partida entre Palmeiras e Vitória onde, ao final do jogo desceu ao gramado para fazer parte da festa do título – tirando fotos com jogadores e distribuindo as medalhas. O político, inclusive, ajudou a erguer a taça ao lado do capitão da equipe paulista.

Figura 18 – Bolsonaro participa da festa do título do Campeonato Brasileiro do Palmeiras, 2018



Fonte: Zero Hora

O contato com os torcedores, de todo modo, também teve momentos negativos. Em novembro de 2019, quando o presidente anunciou sua presença na Vila Belmiro para o jogo entre Santos e São Paulo, uma torcida organizada santista criticou o uso do estádio como “palanque político” para Bolsonaro (Lance!, 2019). Em outro clássico paulista, entre Palmeiras e Corinthians, em agosto do mesmo ano, um torcedor foi retirado do estádio após fazer ofensas ao presidente (G1, 2019). Na final da Copa América de 2019, disputada em solo nacional e vencida pelo Brasil, no Maracanã, Bolsonaro ouviu vaias e aplausos ao entrar no gramado para participar da premiação (Globo Esporte, 2019).

As aparições com as camisas começaram no período em que Bolsonaro falava em se candidatar à presidência. Uma vez que roupas são signos, se comunicam com os indivíduos, em muitos casos elas significam pertencimento a determinados grupos. Logo, não há como Bolsonaro pertencer a um grupo específico de torcedores, se identificar com um clube de futebol, porque ao vestir estas tantas camisas, não pertence a nenhum deles. Diana Crane (2006) aponta:

A análise das maneiras de vestir revela a importância de conceituar as culturas das sociedades contemporâneas como agregados complexos de códigos, conjuntos de itens de vestuário aos quais os grupos sociais atribuem significados inter-relacionados. (p. 465)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do curso desta dissertação, passamos por alguns pontos importantes. O trabalho apresentado buscou mostrar e discutir como o futebol e política brasileira se misturam ao longo da história do país. As análises de questões envolvendo a equação “futebol-nação”, ídolos, midiaticização do espetáculo, fizeram parte do trabalho.

Podemos ver que o uso do futebol por grupos políticos teve um papel fundamental na construção da identidade nacional do cidadão brasileiro, assim como o esporte teve suma importância na construção social do país. Ao analisar a história do futebol no Brasil é imprescindível analisar que ela está intrinsecamente relacionada com a nossa formação como sociedade, e reflete progressos sociais da mesma forma como qualquer outra obra de arte - como livros ou música, por exemplo. Ao analisarmos o início da relação social entre o brasileiro e o esporte vemos como o racismo institucionalizado da época se reflete no esporte, e, conseqüentemente, em como o governo utiliza o futebol como uma ferramenta de comunicação para assimilar seu posicionamento sobre o assunto.

Esta ferramenta de comunicação torna-se pilar para governos, como por exemplo no Estado Novo, com Getúlio Vargas, onde o futebol é utilizado de forma explícita para propagar seu ideário para diversas camadas da sociedade. Esta prática de comunicação demonstra-se eficaz para a construção de uma identidade nacional, ou da "marca" Brasil, dentro do território nacional e no exterior.

Ao longo dos anos o futebol é mais ou menos utilizado por determinados grupos políticos, atingindo seu ápice no período de Ditadura Militar, onde diversos governantes utilizam o esporte como forma de garantir aceitação popular e patriotismo entre a população.

Podemos observar que o futebol não é apenas utilizado politicamente por partidos políticos para garantir uma expressão de unidade nacional. Os próprios jogadores utilizam o palco que lhes é dado como ferramenta para propagar seus próprios ideais - como Sócrates e Reinaldo fizeram no período ditatorial, acompanhados por torcidas nas arquibancadas que se utilizavam da massa para propagar questionamentos. O espaço do futebol se mostra político e aberto para transmissão de mensagens ao público - seja por meio de governantes se apropriando

do espetáculo em benefício próprio, seja de jogadores e torcedores expondo suas opiniões de forma massificada.

Pelo apelo popular que o futebol demonstra no território brasileiro, as mensagens transmitidas em sua relação têm um potencial de impacto muito grande, demonstrando uma ótima ferramenta comunicacional.

Em tempos recentes o futebol continua demonstrando sua importância e força política, principalmente como ferramenta comunicacional. Torcedores continuam a utilizar as tribunas dos estádios como forma de se fazerem serem ouvidos, como nos protestos políticos durante a Copa do Mundo de 2014, em território brasileiro. A seleção se torna símbolo patriótico, com camisas verde e amarelas do time nacional servindo de elemento nacionalista.

É interessante analisar que o futebol não perde sua força política durante a história brasileira, sendo utilizado nos primórdios do esporte em terras brasileiras até o atual governo, onde Bolsonaro apresenta um plano comunicacional utilizando o futebol como ferramenta de aproximação com torcedores de diversos clubes nacionais.

O futebol e comunicação pública, sobretudo, a comunicação política, andam lado a lado no Brasil, desde o início da prática no país. A representação midiática faz com que, mesmo mais de 120 anos depois de sua inserção no cenário nacional, o futebol continua tendo um impacto cultural gigantesco, tornando-se uma ferramenta de uso político até hoje.

4. REFERÊNCIAS

AGÊNCIA USP DE NOTÍCIAS. “Acordo com ditadura possibilitou eleição de Havelange à FIFA”. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/?p=210063>>. Acesso em: 12/05/2020.

AGÊNCIA USP DE NOTÍCIAS. “Futebol foi instrumento político durante a ditadura military”. Disponível em: <<http://www.usp.br/aun/antigo/exibir?id=5933&ed=1045&f=3>>. Acesso em: 12/05/2020.

ALMEIDA, M. A. B.; RIBEIRO, K. S. A interferência dos governos militares (1964-1985) no futebol brasileiro. São Paulo: Universidade de São Paulo, Licere, Belo Horizonte, 2014.

AQUINO, Rubim. Futebol, uma paixão nacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 2002.

AZZELLINI, Dario; THIMMEL, Stefan. Futebol e América Latina: Esperanças. Helden, Politik und Kommerz. Berlin: Assoziation A, 2006.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: Enciclopédia Einaudi. Vol. 1. Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984.

BARROS FILHO, Clóvis de. Ética na Comunicação: da informação ao receptor. São Paulo: Moderna, 2001.

BARTHES, Roland. Mitologias. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

BBC BRASIL. “Os números por trás do 'milagre econômico' da ditadura no Brasil”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45960213>>. Acesso em: 14/05/2020.

BELLOS, Alex. Futebol – o Brasil em campo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 2002.

BERNECKER, Walther L.; PIETSCHMANN, Horst; ZOLLER, Rüdiger. Um pouco de história do Brasil. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000.

BN DIGITAL. “Mundo Esportivo: Um Semanário Completo dos Esportes (SP) - 1946 a 1956”. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/mundo-esportivo/119598>>. Acesso em: 08/05/2020.

BRASIL ESCOLA. “Ditadura militar no Brasil”. Disponível em: <<https://monografias.brasescola.uol.com.br/historia/ditadura-militar-no-brasil.htm>>. Acesso em: 12/05/2020.

BRASIL ESCOLA. “História do futebol”. Disponível em: <<https://brasescola.uol.com.br/educacao-fisica/historia-do-futebol.htm>>. Acesso em: 02/05/2020.

CAETANO, Everton Idalicio. O Futebol como propaganda política: Análise do discurso da revista VEJA na cobertura do mundial de 1970 no México. Florianópolis: Monografia, UFSC, 2015.

CASTILHO, Marcelo. Futebol, Sociedade e Política: Influência da Política na Formação e Desenvolvimento do Futebol no Brasil. São Paulo: Monografia, Universidade de São Paulo, 2010.

CBF. “Friedenreich: origem, histórias e mitos do primeiro ídolo da Seleção”. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/copa/america-2019/friedenreich-origem-historias-e-mitos-do-primeiro-idolo-da-selecao>>. Acesso em: 03/05/2020.

COSTA, Leda. Hermenêutica da derrota. imprensa esportiva e seleção brasileira nas copas do mundo. In: ENCONTRO ANUAL DE ANPOCS, 36., 2012, Águas de Lindoia. Anais do Encontro (GT, MR e SP). Águas de Lindoia, 2008.

COUTO, Euclides. A Esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978). Belo Horizonte: Revista de História do Esporte Artigo volume 3, número 1, 2010

CRANE, Diana. A moda e o seu papel social: Classe, gênero e identidade das roupas. Trad. Cristina Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

CURI, Martin. Brasil: País do futebol. Göttingen: Die Werkstatt, 2013.

DAGÔ, Victor; MAUGERI, Wagner; MÜLLER, Lauro. A Taça do Mundo é Nossa. 1958. (2m39s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SoLGQwTvXnE>>. Acesso em: 10/05/2020.

DIÁRIO OLÉ. “¿De qué cuadro sos, Bolsonaro?”. Disponível em: <https://www.ole.com.ar/futbol-internacional/bolsonaro-hincha-palmeiras-botafogo-presidente-brasil_0_jloZOW8UY.html>. Acesso em: 25/05/2020.

EL PAÍS. “Da taça inédita ao preconceito explícito, Copa América cravou mancha do racismo na camisa da seleção”. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/14/deportes/1560542966_765592.html>. Acesso em: 03/05/2020.

EL PAÍS. “O dia em que Reinaldo marcou um gol contra a ditadura”. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/01/deportes/1527862375_020869.html>. Acesso em: 16/05/2020.

EL PAÍS. “Vasco da Gama, o clube que abriu as portas do futebol para os negros”. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/05/deportes/1554498170_792322.html>. Acesso em: 03/05/2020.

ÉPOCA. “Copa América: do racismo ao estrelato”. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/copa-america-do-racismo-ao-estrelato-23740566>>. Acesso em: 03/05/2020.

ÉPOCA. “O Brasil recebe uma sobrevivente da Segunda Guerra: a taça Jules Rimet”. Disponível em: <<http://essaenossa.epoca.globo.com/1950.html>>. Acesso em: 06/05/2020.

ÉPOCA NEGÓCIOS. “Manifestações contra governo Dilma ocorrem em todos os estados e reúnem 3,6 milhões”. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2016/03/protestos-anti-governo-marcam-domingo.html>>. Acesso em: 23/05/2020.

ESPN. “Futebol também foi arma para lutar contra a ditadura”. Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/400427_futebol-tambem-foi-arma-para-lutar-contr-a-ditadura>. Acesso em: 18/05/2020.

ESPN. “Lado B da Copa América”. Disponível em: <https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/5708304/lado-b-da-copa-america-ha-98-anos-charge-na-argentina-retratou-brasileiros-como-macacos-e-ate-presidente-vetou-jogadores-negros>. Acesso em: 03/05/2020.

FALCÃO, Antonio. Os artistas do futebol brasileiro: 50 minibiografias. Rio de Janeiro: Nossa Livraria, 2006.

FATHEUER, Thomas. Fragmentos de uma teoria do futebol brasileiro. In: AZZELLINI, Dario; THIMMEL, Stefan (orgs.). Futebolistas. Fussball und Lateinamerika: Hoffnungen, Helden, Politik und Kommerz. Berlin: Assoziation A, 2006.

FOLHA DE S. PAULO. “Ídolo santista afrontou um presidente da República e foi punido”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/11/idolo-santista-desobedeceu-entao-presidente-da-republica-e-foi-punido.shtml>>. Acesso em: 03/05/2020.

FOLHA DE S. PAULO. “Manifesto da oposição propõe CPI sobre os gastos da Copa-2014”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/115784-manifesto-da-oposicao-propoe-cpi-sobre-os-gastos-da-copa-2014.shtml>>. Acesso em: 22/05/2020.

FOLHA DE S. PAULO. “Por memória de JK, família faz de casa em Goiás museu por conta própria”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/12/por-memoria-de-jk-familia-faz-de-casa-em-goias-museu-por-conta-propria.shtml>>.

Acesso em: 10/05/2020.

FOLHA DE S. PAULO. “Primeiro negro do STF, Pedro Lessa sofria ataques de Epiácio Pessoa”. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/poder/2014/06/1463239-primeiro-negro-do-stf-pedro-lessa-sofria-ataques-de-epitacio-pessoa.shtml>>. Acesso em: 03/05/2020.

FRAGA, Gerson Wasen. A derrota do Jeca: Na imprensa Brasileira: Nacionalismo, Civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. 2009. 398 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FRANZINI, Fábio. Futebol, identidade e cidadania no Brasil dos anos 30. Caderno de Resumos, XIX Simpósio da ANPUH, Belo Horizonte, 1997.

G1. “Dilma é hostilizada durante abertura da Copa do Mundo em São Paulo”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/06/dilma-e-hostilizada-durante-abertura-da-copa-do-mundo-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 22/05/2020.

G1. “'Futebol e política não se misturam', diz Mercadante sobre vaias a Dilma”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/futebol-e-politica-nao-se-misturam-diz-mercadante-sobre-vaias-dilma.html>>. Acesso em: 22/05/2020.

G1. “Quantas escolas valem um Maracanã?”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/cartazes-das-manifestacoes/platb/>>. Acesso em: 22/05/2020.

G1. “Torcedor é detido após se manifestar contra Bolsonaro durante jogo na Arena Corinthians”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/08/05/torcedor-e-detido-apos-se-manifestar-contrabolsonaro-durante-jogo-na-arena-corinthians.ghtml>>. Acesso em: 25/05/2020.

GALEANO, Eduardo. El fútbol a sol y sombra. Cidade do México: Siglo Vientiuno, 2010.

GILARDI, Torres. 1950: o olhar da imprensa. Rio de Janeiro: Contemporânea, v. 6, n. 1, 2008.

GLOBOESPORTE. “Entre vaias e aplausos, Jair Bolsonaro participa de cerimônia e segura taça da Copa América”. Disponível em:

<<https://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/entre-vaias-e-aplausos-jair-bolsonaro-participa-de-cerimonia-de-premiacao-da-copa-america.ghtml>>. Acesso em: 25/05/2020.

GLOBOESPORTE. “Histórias Incríveis: o mito Leônidas, diamante da bola, batiza chocolate”. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/rj/serra-lagos-norte/noticia/2013/09/historias-incriveis-o-mito-leonidas-diamante-da-bola-batiza-chocolate.html>>. Acesso em: 05/05/2020.

GQ. “Evento esportivo não é lugar de manifestação política”. Disponível em: <<https://gq.globo.com/Colunas/Tiago-Leifert/noticia/2018/02/evento-esportivo-nao-e-lugar-de-manifestacao-politica.html>>. Acesso em: 28/04/2020.

GUEDES, Simoni Lahud. El Brasil reinventado: notas sobre las manifestaciones durante la Copa de las Confederaciones. Nueva Sociedad, n. 248, 2013.

HASWANI, Mariângela Furlan. A comunicação estatal como garantia de direitos: foco no Brasil, na Colômbia e na Venezuela. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo (Prolam/USP), São Paulo, 2010.

HEMEROTECA DIGITAL. “Gazeta de Notícias (RJ) - 1938”. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/gazeta-noticias/103730>>. Acesso em: 05/05/2020.

INFOESCOLA. “Democracia racial”. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/sociologia/democracia-racial/>>. Acesso em: 04/05/2020.

JORNAL DA USP. “Como o projeto do Estado Novo se traduziu na inauguração do Pacaembu”. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/como-o-projeto-do-estado-novo-se-traduziu-na-inauguracao-do-pacaembu/>>. Acesso em: 05/05/2020.

JOVEM PAN. “‘Seleção brasileira está acima da política’, diz Dilma em artigo”. Disponível em: <<https://jovempan.com.br/esportes/selecao-brasileira-esta-acima-da-politica-diz-dilma-em-artigo.html>>. Acesso em: 22/05/2020.

LANCE!. “Argentina 6x0 Peru: suspeita goleada que eliminou o Brasil faz 40 anos”. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/copa-do-mundo/argentina-6x0-peru-suspeita-goleada-que-eliminou-brasil-faz-anos.html>>. Acesso em: 16/05/2020.

LANCE!. “Torcida organizada do Santos desaprova presença de Bolsonaro na Vila”. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/santos/torcida-organizada-desaprova-presenca-bolsonaro-vila.html>>. Acesso em: 25/05/2020.

LEITE LOPES, José Sérgio. Transformations in National Identity through Football in Brazil: Lessons from Two Historical Defeats. 2007, p. 85-86.

LÓPEZ, Juan Camilo Jaramillo. Propuesta general de comunicación pública. Bogotá, 2010.

LUDOPEDIO. “Fernando Collor de Mello, presidente... do CSA”. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/fernando-collor-de-mello-presidente-do-csa/>>. Acesso em: 20/05/2020.

LUDOPEDIO. “Getúlio Vargas, São Januário e o 1º de Maio”. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/getulio-vargas-sao-januario-e-o-1o-de-maio/>>. Acesso em: 05/05/2020.

LYRA FILHO, João. Introdução à psicologia dos desportos. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MAGALHÃES, Livia. Futebol em tempos de ditadura civil-militar. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho, 2011.

MATOS, Heloiza. A comunicação pública na teoria do reconhecimento. In: KUNSCH, Margarida M. K. Comunicação pública, sociedade e cidadania. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2011.

MATOS, Heloiza. Comunicação pública. In: DUARTE, Jorge (org.); LUCIARA, Veras (orgs.). Glossário de comunicação pública. v.1. Brasília: Casa das Musas, 2006.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. “Brasil que quase deu certo é bicampeão”. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/o-brasil-que-quase-deu-certo>>. Acesso em: 10/05/2020.

MITTAG, Jürgen; EBBINGHAUS, Judith. Juntos num só ritmo? Brasil e FIFA na área de conflito de interesses em torno da premiação e preparação da Copa do Mundo 2014. Wiesbaden: Springer VS, 2017, p. 135-154.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no Século XX. Volume 1: Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

NEGREIROS, Plínio. A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40. 1998. 355 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

NETO, Lira. O Conceito Marxiano de "ópio do povo" e a perspectiva brasileira de futebol. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte - v. 11, n. 2, 2012 p. 26 - 37.

O ESTADO DE S. PAULO. “Reinaldo, a Copa de 1982 e a ditadura militar”. Disponível em: <<https://estadodaarte.estadao.com.br/reinaldo-a-copa-de-1982-e-a-ditadura-militar/>>. Acesso em: 16/05/2020.

O GLOBO. “Bolsonaro assiste a jogo entre Palmeiras e Botafogo em São Paulo”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-assiste-jogo-entre-palmeiras-botafogo-em-sao-paulo-24014905>>. Acesso em: 25/05/2020.

O GLOBO. “Bolsonaro já ganhou 38 camisas de clubes e seleções de futebol desde o início do mandato”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-ja-ganhou-38-camisas-de-clubes-selecoes-de-futebol-desde-inicio-do-mandato-24097669>>. Acesso em: 25/05/2020.

O GLOBO. “Dilma desiste de participar do encerramento da Copa das Confederações”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/copa-das-confederacoes/dilma-desiste-de-participar-do-encerramento-da-copa-das-confederacoes-8852178>>. Acesso em: 22/05/2020.

O GLOBO. “‘Ele pagou tudo direitinho’, diz Vampeta sobre venda de apartamento para Funaro”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/ele-pagou-tudo-direitinho-diz-vampeta-sobre-venda-de-apartamento-para-funaro-22017725>>. Acesso em: 21/05/2020.

O GLOBO. “Frequentador de estádios, Bolsonaro se mantém próximo ao futebol como forma de comunicação política”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/frequentador-de-estadios-bolsonaro-se-mantem-proximo-ao-futebol-como-forma-de-comunicacao-politica-24097656>>. Acesso em: 25/05/2020.

O GLOBO. “Protestos contra Dilma reúnem 3,6 milhões em todos os estados”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/protestos-contra-dilma-reunem-36-milhoes-em-todos-os-estados-18865889>>. Acesso em: 23/05/2020.

OLIVEIRA, Lúcia, Lippi: “Sinais da modernidade na Era Vargas: vida literária, cinema e rádio”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). O Brasil republicano – o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PERDIGÃO, Paulo. Anatomia de uma derrota. São Paulo: L&PM, 2000.

PLACAR. Ed. 1.030. São Paulo: Editora Abril, 1990.

RELEITURAS. “Complexo de Vira-Latas”. Disponível em:
<http://www.releituras.com/nelsonr_viralatas.asp>. Acesso em: 09/05/2020.

SANTOS, Daniel. Futebol e política: a criação do campeonato nacional de clubes de futebol. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, fundação Getúlio Vargas, 2012.

SANTOS, Joel Rufino dos. História política do futebol brasileiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

SENADO. “JK é, ainda hoje, um dos políticos mais admirados pela população”. Disponível em:
<<http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasil50anos/not04.asp>>. Acesso em: 09/05/2020.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, F. (coord.) e SEVCENKO, N. (org.). História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA. André Xavier. HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DO MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO. 2011. 57 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

SPFC NOTÍCIAS. “Memória São-Paulina – Arthur Friedenreich”. Disponível em:
<<https://spfcnoticias.com/memoria-sao-paulina-arthur-friedenreich/>>. Acesso em: 03/05/2020.

STALLYBRASS, Peter. O casaco de Marx: roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SUPER ESPORTES. “Reinaldo, sobre ditadura militar: 'Fiquei muito isolado, sofrendo todo tipo de ataque’”. Disponível em:

<https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2019/03/31/noticia_interior,575665/reinaldo-sobre-ditadura-militar-fiquei-muito-isolado-sofrendo.shtml>. Acesso em: 16/05/2020.

SUPERINTERESSANTE. “Quantas vezes o Brasil já tentou ser sede de uma Copa e quando?”. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/quantas-vezes-o-brasil-ja-tentou-ser-sede-de-uma-copa-e-quando/>>. Acesso em: 06/05/2020.

TERCEIRO TEMPO. “Friedenreich”. Disponível em:

<<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/friedenreich-654>>. Acesso em: 03/05/2020.

TERRA. “Ronaldo fala em nome do povo e derrapa: ‘não se faz Copa com hospital’”. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-2014/ronaldo-fala-em-nome-do-povo-e-derrapa-nao-se-faz-copa-com-hospital>>. Acesso em: 22/05/2020.

THE INTERCEPT. “Leia os diálogos de Sergio Moro e Deltan Dallagnol que embasaram a reportagem do Intercept”. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/06/12/chat-sergio-moro-deltan-dallagnol-lavajato/>>. Acesso em: 25/05/2020.

TRIVELA. “Como futebol e sociedade se uniram para integrar os negros”. Disponível em: <<https://trivela.com.br/como-futebol-e-sociedade-se-uniram-na-abertura-aos-negros-no-brasil/>>. Acesso em: 04/05/2020.

TRIVELA. “Da criação do Brasileirão aos elefantes brancos, como o futebol entrou no Plano de Integração Nacional”. Disponível em: <<https://trivela.com.br/da-criacao-brasileirao-aos-elefantes-brancos-como-o-futebol-entrou-plano-de-integracao-nacional/>>. Acesso em: 15/05/2020.

UNIVERSIDADE DO FUTEBOL. “O futebol brasileiro: como tudo começou”. Disponível em: <<https://universidadedofutebol.com.br/o-futebol-brasileiro-como-tudo-comecou/>>. Acesso em: 02/05/2020.

UOL. “Charles William Miller – Introdutor do futebol no Brasil”. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/charles-william-miller.htm>>. Acesso em: 02/05/2020.

UOL. “Derrota política e promessa pelo país tiraram Sócrates do Corinthians em 84”. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2018/10/30/derrota-politica-e-promessa-pelo-pais-tiraram-socrates-do-corinthians-em-84.htm>>. Acesso em: 18/05/2020.

UOL. “Governo Vargas (1951-1954)”. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/governo-vargas-1951-1954-suicidio-de-getulio-pos-fim-a-era-vargas.htm>>. Acesso em: 09/05/2020.

UOL. “Pelé pede para brasileiros esquecerem a manifestação e apoiarem a seleção”. Disponível em: <<https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/19/pele-pede-para-brasileiros-esquecerem-a-manifestacao-e-apoiarem-a-selecao.htm>>. Acesso em: 22/05/2020.

VARGAS, Getúlio. Diário / apresentação de Celina Vargas do Amaral Peixoto; edição de Leda Soares. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

VEJA. “A desconstrução do herói”. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/a-desconstrucao-do-heroi/>>. Acesso em: 25/05/2020.

VEJA. “Craques nas arenas, fracasso nos congressos: os esportistas na política”. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/esporte/craques-nas-arenas-fracasso-nos-congressos-os-esportistas-na-politica/>>. Acesso em: 20/05/2020.

VEJA. “Para o torcedor, Brasil-2014 vai ser a Copa da corrupção”. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/esporte/para-o-torcedor-brasil-2014-vai-ser-a-copa-da-corrupcao/>>. Acesso em: 22/05/2020.

VEJA. “Relembre a história de ‘Pra Frente Brasil’, desenterrada por Regina Duarte”. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/relembre-a-historia-de-pra-frente-brasil-desenterrada-por-regina-duarte/>>. Acesso em: 14/05/2020.

VIANNA, Hermano. O mistério do samba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/UFRJ, 1995.

WOLF, M. Teorias da Comunicação. 6.ed. Lisboa: Presença, 2001. (Shaw, E. apud Wolf, 2001, p.144)

ZÉMOR, Pierre. La Communication Publique. Paris: PUF, 1995. Tradução resumida do livro: Elizabeth P. Brandão.

ZERO HORA. “Bolsonaro entrega taça do Brasileirão ao Palmeiras e participa da festa no campo”. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/brasileirao/noticia/2018/12/bolsonaro-entrega-taca-do-brasileirao-ao-palmeiras-e-participa-da-festa-no-campo-cjp7f8qcr0i8m01rxghwuoo0h.html>>. Acesso em: 25/05/2020.

ZEYRINGER, Klaus. Futebol: Uma história cultural. Frankfurt am Main: Fischer, 2014.